



Curso de Pós-Graduação Lato sensu em
**coordenação
pedagógica**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM COORDENAÇÃO
PEDAGÓGICA**

GISELE DE JESUS SOARES SOUSA

**O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO
CONTINUADA DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO: ressignificação do uso
das TIC's na escola**

Santa Inês

2016

GISELE DE JESUS SOARES SOUSA

**O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO
CONTINUADA DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO: ressignificando o uso
das TIC's na escola**

Monografia apresentada para fins de
conclusão do curso de Pós-graduação
Latu Sensu de Coordenação Pedagógica
do Programa de Pós-Graduação em
Educação, da Universidade Federal do
Maranhão,

Orientador(a): Prof^ª Ms. Ana Cristina
Champoudry Nascimento da Silva

Santa Inês

2016

Sousa, Gisele de Jesus Soares.

O papel do coordenador pedagógico na formação continuada de professores do ensino médio: ressignificando o uso das TIC's na escola / Gisele de Jesus Soares Sousa. — Santa Inês, 2016.

69 f.

Orientador: Ana Cristina Champoudry Nascimento da Silva.

Monografia (Especialização) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Pós-Graduação Lato Sensu de Coordenação Pedagógica, 2016.

1. Coordenador pedagógico. 2. Formação continuada – Professores. 3. Tecnologia da informação – Escola. I. Título.

GISELE DE JESUS SOARES SOUSA

O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO: ressignificando o uso das TIC's na escola

Monografia apresentada para fins de conclusão do curso de Pós-graduação *Latu Sensu* de Coordenação Pedagógica do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Maranhão.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Msa. Ana Cristina Champoudry Nascimento da Silva
(Orientadora)

Prof^a Dra. Verônica Lima Carneiro
(1º examinador)

Prof^a Msa. Tamires Coimbra Bastos Borges
(2º examinador)

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre alimentou minhas forças e esperanças na conquista por novos horizontes dando-me perseverança para lutar mesmo diante das adversidades e ser vencedora.

A todas as pessoas que, ao longo curso, contribuíram decisivamente nessa tarefa, a quem as palavras não conseguem exprimir tamanha gratidão em especial aos meus filhos Karla Cristhina, Karolynne e Marcone Júnior.

Às amigas Leana Oliveira e Creuza Ferreira Ribeiro pelo apoio e colaboração.

À professora Ana Cristina Champoudry Nascimento da Silva por seu apoio e preciosa orientação.

À coordenação do curso de pós-graduação 2016 polo Santa Inês na pessoa da professora Eronilde Sousa Santos, nossa tutora presencial pelo incentivo e paciência.

Enfim, a todos os que direta e indiretamente contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho que compartilham desta vitória.

LISTA DE SIGLAS

TIC'S - Tecnologias da Informação e Comunicação

LDB - Lei de Diretrizes e Bases Nacional

PPP –Projeto Político Pedagógico

DCN's – Diretrizes Curriculares Nacionais

RESUMO

O presente estudo tem como questão de partida: de que forma o coordenador pedagógico pode auxiliar os professores do Ensino Médio a ressignificar sua prática através do uso das TIC's e quais caminhos este deve tomar para tornar seu trabalho mais produtivo, em especial no Centro de Ensino Cidade de Arari? A partir dessa questão define-se como **objetivo geral: Refletir sobre o papel do coordenador pedagógico no lócus escolar, bem como sua responsabilidade com a formação continuada dos professores e a relação de empatia e aceitação entre professores e coordenador numa perspectiva construtiva e significativa.** Para atingir tal intenção, elencamos os seguintes objetivos específicos: Identificar as possibilidades de atuação do coordenador pedagógico, visando uma mudança de postura na relação coordenador-professor quanto ao uso pedagógico das TIC's; Esclarecer a importância da ação do coordenador pedagógico desenvolvendo na escola ações que promovam a formação continuada do corpo docente enfatizando a ressignificação pedagógica das mídias educacionais. O referido trabalho assumiu os pressupostos da pesquisa qualitativa utilizando a revisão articulada a uma proposta de intervenção para alcance dos objetivos definidos. Os sujeitos envolvidos no trabalho são professores do Ensino Médio de diferentes áreas de conhecimento do Centro de Ensino Cidade de Arari localizada no município de Arari. Os instrumentos utilizados na proposta foram relatos encontros formativos sobre o tema em questão de onde a partir dos quais foram feitas observações e relatórios em cada encontro. Com base no objeto foco da investigação, os resultados obtidos apontam para o papel do coordenador pedagógico na formação continuada de professores do ensino médio e sua influência para a ressignificação do uso pedagógico das TIC's na escola. Constata-se, após tais encontros que teoricamente os professores reconhecem a necessidade de aplicar em seu trabalho cotidiano em sala de aula, novas metodologias voltadas para as tecnologias educacionais, entretanto é preciso ainda avançar nesse processo, pois ainda é possível observar uma significativa distância entre o que falam e o que desenvolvem junto a seus alunos como prática pedagógica. Em se tratando do papel do coordenador nesse processo, observamos que sua atuação deve estar focada especificamente na formação continuada dos professores e o acompanhamento do trabalho docente como fonte de orientação dessa formação, no entanto, na escola alvo deste estudo, o coordenador precisa ter acesso a um processo de preparação, para atuar junto ao corpo docente com autonomia de modo que possa intervir positivamente com os professores na ressignificação do uso pedagógico das TIC's no espaço escolar.

Palavras-chave: Coordenador Pedagógico, Formação Continuada, Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC's

ABSTRACT

The present study has as its initial question: how the pedagogical coordinator can assist high school teachers to resign their practice through the use of TIC's and which paths it must take to make your work more productive, particularly in the teaching Center City of Arari? From this point we define as overall objective: to reflect on the role of the pedagogical coordinator in locus, as well as its responsibility to the continuing education of teachers and the relationship of empathy and acceptance among teachers and Coordinator in a constructive and meaningful perspective. To achieve such intention, we highlight the following specific objectives: Identify the possibilities of operation of pedagogical coordinator, seeking a change of attitude in the relationship Coordinator-professor to use TIC's teaching; Clarify the importance of pedagogical coordinator developing in school actions that promote the continuing education of faculty, emphasizing the ressignification of educational media pedagogical. The methodological path of that work took over the conditions of qualitative research using the review articulated a proposal for action to achieve the goals set. The subjects involved in the work are high school teachers of different areas of knowledge of the teaching Center City of Arari located in the municipality of Arari. The instruments used in the proposal were formative meetings on the topic in question. Based on the focus of the investigation, the results point to the role of the pedagogical coordinator on continuing education of middle school teachers and its influence to the ressignification of the pedagogical use of TIC's in school. We see, after these meetings that theoretically teachers recognize the need to apply in their daily work in the classroom new methodologies aimed at educational technologies, however still need to move forward in this process, because it is still possible to observe a significant gap between what they say and what they develop with their students as a pedagogical practice. When it comes to the role of Coordinator in the process, we note that its activities should be focused specifically on the continuing education of teachers and the teaching job as a source of guidance in this training, however, in this study, the target school coordinator must have access to a process of preparation, to act together to faculty with autonomy so that it can intervene positively with teachers in the pedagogical use of TIC's ressignification's in the school space.

Key-words: Pedagogical Coordinator, continuing education, information and communication technologies –TIC's

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	AS RELAÇÕES DE TRABALHO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NO LÓCUS ESCOLAR	13
2.1	O papel do coordenador pedagógico e as relações de trabalho na escola pública.	18
2.2	A relação do coordenador pedagógico com o professor	21
2.3	Relações de trabalho entre o coordenador pedagógico e o gestor escolar	26
3	O COORDENADOR PEDAGÓGICO E A FORMAÇÃO CONTINUADA NA ESCOLA: repensando pedagogicamente o uso das TIC's no espaço formativo	33
3.1	A construção do espaço formativo pelo coordenador pedagógico.....	35
3.2	Formação na era da informação: novos desafios enfrentados pelo coordenador pedagógico	38
4	PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO PARA USO DAS TIC's NO CONTEXTO ESCOLAR	44
4.1	As Tics no contexto escolar.....	44
4.2	O papel do coordenador frente às tecnologias da informação: resultados e discussão	45
4.2.1	Análise dos encontros	49
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS	56
	APÊNDICES	60

1 INTRODUÇÃO

É comum em nosso meio de trabalho encontrar entraves na hora de realizar um bom trabalho de formação junto ao corpo docente de algumas escolas. Não raro se percebe professores reclamando do governo, da escola, dos alunos, do nível de conhecimento real deste. E nesse embalo da culpabilidade deste ou daquele que o trabalho da maioria dos professores deixa a desejar por se tratar de atores que se eximem da sua macro responsabilidade, acumulando problemas ao invés de buscar soluções plausíveis e democráticas.

A escolha do tema deu-se em virtude das dificuldades encontradas no dia-a-dia da sala de aula, e da necessidade de reconhecimento da figura do coordenador pedagógico, que geralmente não tem espaço para desenvolver seu trabalho, entendido como desnecessário sob o ponto de vista da maioria dos docentes e gestores que não reconhecem ou não sabem de fato, o campo de atuação do coordenador pedagógico.

Esses dilemas se perpetuam no tempo e no espaço, embaçando a imagem profissional do professor coordenador pedagógico; as falas dos professores são constantes e a figura do coordenador escolar fica inexpressiva, diante destes que esperam solução para os problemas.

Fernandez (1994, p. 110) afirma que “se deve sair da queixa inicial, podendo (os docentes) iniciar um juízo crítico, pensar, refletir, dar espaço às perguntas, suportar o vazio momentâneo da falta de respostas, sem cair no pragmatismo, que conduz as explicações de ‘insight’, que as queixas trazem.”

Há um distanciamento entre professores e coordenadores pedagógicos, que precisa ser resolvido, pois este deve ser um articulador escolar, precisando se consolidar como formador, orientador de um trabalho coletivo, e como elo entre pessoas que fazem a escola e a problemática pedagógica, campo da sua atuação.

Entretanto, é sabido que se o coordenador pedagógico conhece a dificuldade do docente no processo de ensino-aprendizagem, ele pode atuar transformando essa realidade em um espaço que ofereça educação de qualidade, servindo como elo entre educador e educandos.

A escola do século XXI requer dos profissionais, posturas mais assertivas, por vivermos uma época em que a discussão sobre espaço, tempo, modo, sujeito e

conteúdo da aprendizagem vai de encontro à imagem do coordenador pedagógico que se destaca como articulador desta nova forma de fazer educação.

Nesse sentido, este trabalho é orientado pelo seguinte objetivo: Refletir sobre o papel do coordenador pedagógico no lócus escolar na atualidade, bem como sua responsabilidade com a formação continuada e a sua relação de empatia e aceitação com os professores numa perspectiva construtiva e ressignificativa do uso pedagógico das TIC's.

Percebemos que essa necessidade se construiu por dois motivos: identificar o campo de atuação do coordenador pedagógico, visando uma mudança de postura na relação coordenador/professor; esclarecer a importância da ação do coordenador pedagógico na escola para com a formação continuada do corpo docente dando ênfase ao desenvolvimento de estratégias voltadas para o uso pedagógico das tecnologias da informação.

Partindo dessa problemática na certeza de que este tema é extremamente relevante, pode ser definida a seguinte questão para início do trabalho: De que forma o coordenador pedagógico pode auxiliar os professores do Ensino Médio a ressignificar sua prática, através do uso das TIC's e quais caminhos este deve tomar para tornar seu trabalho mais produtivo, em especial no Centro de Ensino Cidade de Arari?

Prosseguindo com o trabalho define-se como instrumentos da pesquisa relatórios e discussões geradas durante os encontros pedagógicos que aconteceram dos meses de junho, agosto, setembro e outubro de 2016, sendo os mesmos realizados na primeira semana de cada mês, com o objetivo de analisar o panorama e as possibilidades de uso das mídias na escola: jornal, vídeo, cinema, rádio, etc. Assim, tais encontros possibilitaram a obtenção de informações que foram utilizadas como fonte de análise do trabalho do coordenador pedagógico para que sua reflexão seja construída em um chão firme sobre seu papel na formação continuada de professores na escola pública, com ênfase na aplicação das tecnologias de informação no contexto de sala de aula, a partir de anseios e concepções dos professores e assim estes realizarem melhor seu trabalho.

Dessa forma o presente trabalho está dividido em quatro (04) seções estruturadas da seguinte forma: na primeira e na segunda seção encontram-se os elementos introdutórios à problematização geral do trabalho que é o papel do coordenador pedagógico na escola, as relações de trabalho construídas em seu seio e as relações de poder a ela relacionadas. Na terceira seção destaca-se a construção de um espaço formativo específico, a escola, bem como os desafios que o coordenador enfrenta ao

fomentar tal espaço de estudo e pesquisa de modo que o mesmo esteja em consonância com as necessidades pedagógicas que envolvem o contexto social onde a escola está inserida. Na seção de número quatro abordou-se a proposta de intervenção gerada a partir das discussões com os docentes pautadas nas necessidades pedagógicas destes durante os encontros que antecederam as formações continuadas com destaque para a utilização mais assertiva das TIC's no contexto escolar. Por fim, as considerações finais onde expomos as constatações adquiridas no decorrer de todas as discussões a fim de se contemplar uma reflexão mais acentuada sobre o papel do coordenador pedagógico na escola numa perspectiva significativa e construtiva.

2 AS RELAÇÕES DE TRABALHO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NO LÓCUS ESCOLAR

A formação continuada de professores, remete a uma questão voltada diretamente ao âmbito escolar, onde se percebe claramente a necessidade do coordenador pedagógico educacional na orientação das ações que precisam ser desenvolvidas para atender às demandas, auxiliando as práticas educativas, diminuindo os anseios e as possíveis dificuldades que assolam o dia-a-dia dos professores no lócus da sala de aula.

Entende-se que de forma isolada o professor não conseguirá contornar os acontecimentos que permeiam o ambiente escolar. Então, nesse momento se faz necessária a figura coordenador pedagógico, profissional que sem dúvidas deve reunir, propor discussão e claro, articular com o coletivo de professores alternativas viáveis, levando em consideração as experiências profissionais de cada um dos partícipes, assim contribuindo com o conjunto dos envolvidos, também através de reflexão, no acompanhamento das ações didáticas coerentes com o Projeto Político Pedagógico, sem esquecer é claro de um foco especial e essencial que é a articulação com os pais, alunos, educadores e comunidade escolar de modo geral no intuito de integrá-los e envolvê-los nas questões educacionais.

O profissional da educação, o professor, na atualidade se percebe envolvido por um mundo onde as novas tecnologias avançam rapidamente, forçando-o a se adequar e adaptar-se às mudanças, sendo, portanto, necessário que esse profissional não só parta dos conhecimentos prévios dos alunos, mas vá de encontro com as novas tecnologias para que possa atender um maior número de alunos com interesse e saberes diversificados, minimizando conseqüentemente dificuldades, derrubando as barreiras vislumbrando novos horizontes.

Ainda que o professor não tenha conhecimento acerca do campo de atuação do coordenador pedagógico, e faça críticas desmerecendo sobre o trabalho do referido profissional, não há dúvidas que este tem papel fundamental no apoio e suporte aos professores possibilitando inovações em sua práxis pedagógica. Nessa perspectiva é que se discute a necessidade da formação continuada de professores orientada pelo coordenador no contexto escolar.

Sem dúvida, nessa formação alicerçada na prática pedagógica, na observação e na avaliação contínua que professores e coordenadores encontram conteúdos para

estudo e debate, que de fato direcionem o planejamento baseado em uma vivência real e substancial capaz de promover mudanças qualitativas e significativas no processo de ensino-aprendizagem fortalecendo a escola e a educação.

Nesse contexto, compreende-se que é necessário o movimento ação-reflexão contínuo, visando atender na contemporaneidade uma formação docente de caráter eficiente e eficaz. Uma vez que se pode entendê-la como uma necessidade, fruto dos anseios dos próprios professores que estão envolvidos no processo e tendo estes na escola um coordenador pedagógico, devem se direcionar buscando sua colaboração para articular a relação entre os fenômenos ocorridos de fato e de verdade e as demandas necessárias para superação dos mesmos.

Nesse sentido, Clementi afirma que:

No caso da rede pública, o coordenador assume seu cargo mediante concurso, sendo que, na rede estadual, ele não precisa necessariamente ser pedagogo. Na rede particular, normalmente esse cargo é assumido devido à competência do profissional, avaliada de acordo com critérios de cada escola, e não necessariamente relacionado à existência do diploma específico. Isso revela que a formação inicial do coordenador (talvez por sua precariedade) não influi na escolha do profissional feita pelas escolas. (CLEMENTI, 2001, p. 63)

A formação continuada de professores não surge do acaso, mas sim, das dificuldades apresentadas pelas demandas educacionais. O trabalho do coordenador não dificulta a prática pedagógica do professor, mas faz fluir mais facilmente quando este auxilia os mesmos nas suas necessidades articulando e buscando soluções conjuntas às questões que emergem do seio escolar, fazendo com que tais entraves ou doenças sejam tratadas, através de ações sistemáticas na própria formação do professor.

Segundo Orsolon (2000, p. 146) há a necessidade do Projeto Político Pedagógico possibilitar ao professor meios para que o mesmo possa refletir sobre sua própria prática educativa, questionando, transformando o ambiente e sendo transformado.

O que raramente acontece na escola, pois há um desinteresse ou mesmo falta de conhecimento acerca desse contexto, que é o cotidiano escolar. Nele, o professor aprende a ser professor, sendo professor. Nesse lócus é que são formados os docentes. Nessa materialidade contínua da vida do professor no dia-a-dia com o próprio “eu” dele, a turma, os conteúdos escolares, os tempos escolares, burocracias escolares, cursos de formação, políticas educacionais (nacional, estadual, municipal) há confrontos, desgastes, ruídos, desequilíbrios, mas nesse emaranhado de situações é que se busca um alinhamento através das reflexões que encaminham para as possíveis soluções.

O professor está imerso nesse ambiente que ora equilibra, ora desequilibra, nessas idas e vindas das dificuldades e busca de alternativas viáveis e soluções é que se faz necessária a atuação do coordenador pedagógico, para orientá-lo nas reflexões e tomadas de decisão.

Os conflitos e as contradições que permeiam o ambiente escolar fomentam a real necessidade de um olhar focado especificamente para o contexto escolar e clamam de fato por formação continuada mais assertivas e direcionadas às reais problemáticas que assolam o espaço escolar.

Essa prática de formação continuada apesar de necessária, ainda é muito insípida, devido uma questão cultural que ainda é bem forte nas nossas escolas entre os professores.

Segundo Serpa e Lopes (2011, p.04), a formação docente no Brasil, pode ocorrer tanto de forma individualizada, visando o aprimoramento profissional, quanto colaborativa envolvendo professores e gestores. Entende-se que a formação continuada deve atender às demandas educacionais e, portanto, não pode seguir um único parâmetro ou modelo.

Observa-se que a formação inicial do professor se dá na universidade e a continuada vem a partir da construção e implementação dos espaços de debate, geralmente no espaço escolar. Esse espaço de atuação do profissional que é a escola se faz necessário por ser o lócus da própria reflexão, de onde vai partir os conteúdos necessários para estudo, debate e planejamento de ações que venham de encontro a realidade escolar na contemporaneidade. Cabe a figura do coordenador pedagógico como o agente articulador, delineador e direcionador da formação focar na busca de caminhos que solucionem/minimizem as dificuldades presentes no chão escolar, visando junto aos atores sociais uma educação emancipatória e transformadora, onde o progresso do aluno é o alicerce para tal status social ser atingido pela escola.

A atuação do coordenador pedagógico torna-se essencial para a busca dessa qualidade no ensino, onde os protagonistas alunos são o foco principal de toda ação. Assim, o coordenador imbuído de sua competência vai em busca de ações assertivas que visem um ensino de qualidade para os alunos, direcionando ações que integrem ensino e aprendizagem de forma eficaz.

Cabe comentar que é através da formação continuada que os professores melhoram cada vez mais suas práticas, buscando soluções para as problemáticas que imperam no cotidiano da escola, compreendendo que apenas a formação inicial não é

suficiente para gestar todo o emaranhado de problemas e complexidades que surgem no dia-a-dia da escola. Ambos, professor e coordenador devem estar em sintonia ou melhor, sincronizados na busca da educação significativa e de qualidade. Placco, diz:

Chamo sincronicidade do educador a ocorrência crítica de componentes políticos, humanos-interacionais e técnicos, que se traduz em sua ação, ocorrência essa que gera movimento que é ação de e entre professor- -aluno-realidade. Esse movimento engendra novas compreensões da totalidade do fenômeno educativo, no qual há reestruturação contínua e consciente em todos, em cada um e na relação entre esses componentes, na medida em que se define e redefine um projeto pedagógico coletivo. (PLACCO, 1994, p.18)

Partindo dessa ideia é que o coordenador pode promover transformações no lócus escolar, propondo um planejamento assistido, discutido, orientado, acompanhando o desenhar e o redesenhar da prática docente, observando a sala de aula, no intuito de se apoderar de ideias e ações para discutir, buscando maneiras para melhor auxiliar o professor a refletir a partir de sua práxis, cuidando é claro para não se tornar invasivo e desrespeitoso com o outro, pois pode colocar todo o trabalho a perder.

Pensar uma escola, buscar estratégias, soluções para sanar ou minimizar os problemas que surgem no dia-a-dia desta, não é trabalho apenas para o coordenador, mas sim para o coletivo da instituição. Todos têm que estar imbuídos nesse processo de estudo, análise e tomada de decisão, porém o coordenador é o articulador da equipe, identificando o que é necessário ser pensado e repensado para que sejam garantidos com qualidade o ensino e a aprendizagem.

A partir do levantamento dos problemas e dificuldades vivenciados em sala de aula e/ou escola e círculos de debates que de fato os professores conseguem compreender melhor fatos ocorridos que às vezes passam sem ser percebidos, tendo é claro uma participação coletivizadora e efetiva em todo o processo de formação. Nesse contexto cabe dizer que o coordenador pedagógico exerce um papel essencial, como o principal formador do professor em serviço, fazendo-se necessário conhecer o lócus escolar, seus atores, seus dilemas, quando este desempenha sua atividade diária desenvolvendo algumas das suas funções de auxiliar professores em projetos, atender os pais e alunos, resolver indisciplina, fazer e orientar planejamentos e substituir professores são algumas das atividades/rotinas do coordenador pedagógico, que lhe conferem uma posição de destaque quando este as desenvolve seu papel de forma sistemática e responsável.

Sabe-se que nem sempre o coordenador pedagógico sai da universidade preparado para a ação o que dificulta seu papel na escola em algumas situações.

Assim, pode-se questionar se a formação continuada de professores está dificultando a prática pedagógica desses atores ou facilitando.

Compreende-se que se esse coordenador passa por formação continuada e essa formação tem uma tendência libertadora/emancipatória vai de encontro à condição de facilitador, ao contrário, se percebe a fragilidade na formação dos professores, que gera o desânimo, desinteresse e estes se tornam apáticos ao processo como se estivessem impedidos por si próprios de seguirem sua jornada. Isso se dá também pela falta de incentivo, mobilização, ação efetiva e sistemática por parte também do coordenador pedagógico.

Compreende-se que diante do atual contexto em que se encontra a formação continuada nas escolas, por questões de formação do próprio coordenador pedagógico tendências ideológicas, desconhecimento por parte do gestor/professor do papel do coordenador na escola e por questões inerentes ao professor como tempo para dedicar as formações, há uma observação nítida da frágil atuação do coordenador pedagógico em muitas escolas.

Geralmente esse coordenador é graduado em Pedagogia e especialista em Supervisão Escolar, Gestão, ainda são poucos os especialistas em Coordenação desempenhando de fato seu papel social e profissional na escola.

Entende-se que uma das funções do coordenador pedagógico seja a socialização de experiências, de maneira sistemática, de onde partem as discussões que contribuirão para construção de uma prática educativa que sane/minimize os anseios e as dificuldades encontradas no cotidiano escolar, contribuindo para a formação dos sujeitos do processo educativo em especial, o foco principal, o aluno.

Observa-se que embora nas escolas sejam criadas barreiras por parte de alguns professores ou profissionais que atuam como coordenadores, já se percebe indícios de formação continuada, orientada por coordenadores que desenvolvem ações sistemáticas, contribuindo para uma educação significativa e de qualidade.

Nesse sentido, faz-se necessário apresentar as relações de trabalho existentes entre o coordenador pedagógico e os demais atores da comunidade escolar, bem como suas atribuições e possibilidades de intervenção nos setores da escola que lhe são cabíveis, especificamente, o setor pedagógico.

2.1 O papel do coordenador pedagógico e as relações de trabalho na escola pública

A escola é por natureza um local de conflitos, é dinâmica e contraditória. Local de conflito por se construir na diversidade, os seres sociais são diferentes no pensar, no agir, no sentir e no ser; dessa forma se faz necessário compreender a hegemonia desta instituição, respeitando as diferenças. Esse pensar se faz entender a urgência da democratização na escola, onde a participação e a decisão coletiva das questões escolares sejam teorizadas e praticadas no chão da escola de fato e de verdade.

Nesse sentido, faz-se necessário repensar a opinião da escola sobre trabalho colaborativo e democratização. De acordo com Parrilla (1996, apud Arnaiz, Herrero, Garrido e De Haro, 1999), a colaboratividade acontece quando todos os atores participam das decisões tomadas e são responsáveis pela qualidade do que é produzido coletivamente, conforme suas possibilidades e necessidades.

É inconcebível uma escola que continue remando contra a maré das mudanças, uma vez que na sua essência ela se faz dinâmica. Está sempre em processo de construção, enfrentando as contradições sócio-educacionais-culturais, por se deparar constantemente, ou diariamente com mudanças que se expandem na sociedade como um fio de pólvora, porém são lentas para alcançarem a escola. A sociedade se transforma rapidamente e a escola não consegue acompanhar o mesmo ritmo, sempre está em desvantagem.

Num amplo sentido se percebe a escola como uma instância em desenvolvimento que precisa buscar sua identidade nesse contexto de reformas educacionais que vem sendo implantadas na educação brasileira com foco na reestruturação do ensino nos aspectos relativos à organização escolar, à redefinição dos currículos, à gestão, à avaliação e ao seu funcionamento, desde a década de 90.

A educação básica que compreende hoje três etapas: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, tem sido palco de efêmeras tentativas de mudanças e a escola, muitas vezes sem alicerce não consegue se manter, não se reafirma de verdade, criando um grande impasse na educação: mais quantidade, menos qualidade. As mudanças acontecem geralmente centradas na quantidade deixando a qualidade em segundo plano. Há muita teoria, quase nenhuma prática eficiente, eficaz e efetiva.

A Lei 9394/96 (LDB), trouxe luz para a educação brasileira, porém para uma lei se efetivar se faz necessário a ação social, sem prática da lei não se sai do debate.

É fato que muitos profissionais assumiram responsabilidades e vestiram a camisa da educação de qualidade, porém pouca coisa mudou na escola.

A educação brasileira passa por um período de grande efervescência e a escola pode-se observar no seu cotidiano, ameaçada pelos problemas sociais, exigindo dos profissionais um planejamento que atenda de forma mais direta as questões de diversidade, da indisciplina, da violência que afetam a maioria da população do país. A escola não está conseguindo ir além do muro que lhe cerca. Por isso, Tragtenberg (2001, p.72) afirma “que o professor é agente de reprodução social e, pelo fato de sê-lo, também é agente da contestação, da crítica.”

Parrilla e Daniels afirmam que:

os problemas produzidos pelas dificuldades no ambiente escolar, levam os docentes a se sentirem carentes de apoio, o que pode produzir uma constante falta de iniciativa para encontrar novas e melhores soluções para os problemas, com a conseqüente adoção de práticas triviais, sem resultados efetivos, embora se refira ao sistema educacional espanhol tal descrição também pode se aplicar à realidade das escolas brasileiras. (PARRILLA & DANIELS, 2004, p.10)

A escola é um dos principais locais de formação de cidadania e tem como função principal a socialização dos conhecimentos historicamente acumulados e a construção de saberes escolares. Segundo Palma:

Entendemos que uma educação voltada para a construção de uma cidadania democrática [...] deve centrar-se em um currículo (conteúdos e estratégias) que capacite o ser humano para o desempenho de atividades que pertencem aos três domínios explicitados por Severino (1994): "a vida em sociedade, a atividade produtiva e a experiência subjetiva, a integração dos homens no tríplice universo do trabalho, da simbolização subjetiva e das relações políticas (PALMA, 1998, p. 100).

Nessa perspectiva, os alunos são percebidos como sujeitos sociais em construção, cidadãos democráticos críticos, capazes de estranharem as desigualdades sócio-políticas-econômicas-educacionais à sua volta e reconstruírem uma sociedade mais justa e igualitária.

De acordo com Nóvoa (2002, p. 08) “a escola não é o princípio da transformação das coisas. Ela faz parte de uma rede complexa de instituições e de práticas culturais. Não vale mais, nem menos, do que a sociedade em que está inserida.” Desta forma, seu sucesso não reside na grandiosidade da sua missão, mas primeiramente nas

condições necessárias para que o trabalho docente ocorra, ou seja, a escola vai mal quando a sociedade vai mal.

Esse sujeito de quem se fala, o aluno, ontem era pacato, obediente, subserviente, fácil de tornar-se um objeto nas mãos do poder, alienados, pois não foi preparado para o estranhamento, para críticas construtivas, para construir e reconstruir. Comentando Tragtenberg (2001, p.68) essa situação teve origem no século XIX através da chamada “instituição disciplinar cuja finalidade era impor uma relação de docilidade e utilidade por meio do controle minucioso do corpo do cidadão”.

O aluno de hoje nem sempre é obediente, geralmente é ativo e muito envolvido com as mudanças tecnológicas, tornando-se um aluno rebelde para muitos professores e escolas que pararam no tempo, vivem do saudosismo.

Os professores são sujeitos pensantes capazes de conduzirem a escola além do muro que a cerca, de encontro com a sociedade, porém os desafios são tantos e nesse caminhar surgem os desencantos, muitos debandam do projeto futurista, outros esperam que alguém dê o pontapé inicial. Há alguém que não tem tempo, pois vendeu seu tempo para outros padrões, daí não há a tão sonhada coletividade e o grau de poder se minimiza. Daí para funcionar aos trancos e barrancos há uma inversão de papéis que deixa muito a desejar e a educação fica com pouca quantidade e nenhuma qualidade.

Para superar as desigualdades e galgar avanços nesse emaranhado que é a questão poder é necessário que cada um dentro da escola assuma a sua responsabilidade, cumpra com seu papel social, tenha postura e atuação democrática, promova condições para o desenvolvimento da cidadania, porém é importante vivenciá-la na prática.

Também se faz necessário refletir coletivamente os problemas e, juntos, tomarem decisões cabíveis para a realidade que os cerca. Nesse contexto o poder é como a liderança compartilhada, não há quem dê ordens e sim alguém que discute com o grupo em busca do consenso e todos se satisfazem e vestem a camisa da consciência cidadã em prol da nova escola. Veiga aponta a tal prática pedagógica que deve ser reflexiva e crítica, pois,

Como prática social ela é orientada por finalidades, objetivos e conhecimentos inseridos no contexto dessa prática. Tem um lado ideal, teórico e um lado real, material, propriamente prático, objetivo. Portanto, a prática pedagógica é teórico-prática e, nesse sentido, ela deve ser reflexiva, crítica e transformadora. (VEIGA, 1998, p. 81).

Para se compreender o andamento do trabalho docente nos dias atuais faz-se necessário a ressignificação do papel do coordenador pedagógico e seu posicionamento junto aos professores. Sendo assim, Norwich e Daniels (1997, p.05) sugerem que o mesmo analise a forma de enfrentar as dificuldades do trabalho docente a partir de duas diretrizes principais que se complementam e se inter-relacionam: o engajamento ativo, que se refere ao modus operandi pela qual os professores tentam regular as oportunidades de aprendizagem de qualidade; e nível de tolerância, a qual refere-se aos limites dos desafios que os professores conseguem confrontar.

O coordenador pedagógico é um elemento de ligação entre a escola e os órgãos administrativos do sistema, e precisam fazer-se mais presentes nas escolas que coordenam não apenas mantendo relações com gestores e funcionários administrativos, uma vez que desse modo acabam deixando de conhecer aspectos importantes das escolas sob sua jurisdição e são avaliados por seus partícipes como visitantes esporádicos. Alarcão (apud Vasconcellos, 2002, p. 87), afirma que “seu papel é primordial na formação dos educadores, auxiliando-os a elevar seus níveis de consciência, ou ainda, criando novos patamares para o senso comum”.

A orientação e a formação didático-pedagógica implicadas pelo serviço de coordenação requerem um conhecimento da escola bem mais profundo do que aquele que é usualmente construído. Para que isso assuma novas perspectivas, Nono e Mizukami (2001, p. 1-16) salientam que é importante valorizar e compartilhar as experiências entre professores, e explicam que isso pode favorecer o desenvolvimento da análise crítica a fim de melhor viabilizar a resolução de problemas e a tomada de decisões.

2.2 A relação do coordenador pedagógico com o professor

Sendo uma profissão de múltiplas funções, a coordenação pedagógica precisa lidar com uma formação continuada voltada para os docentes numa projeção futurística dos alunos no ambiente escolar, conscientemente de que tal formação é ora trabalhista, ora intelectual ainda carece de desenvolver parcerias e estratégias de acompanhamento, a fim de firmar um suporte para amenizar as dificuldades diárias e sanar os problemas advindos de diversas frentes como indisciplina, repetência, evasão, afirmação identitária no espaço escolar ou desenvolvimento de novas estratégias pedagógicas.

Tal cenário gera uma inquietação por parte dos profissionais da educação, em especial pelo coordenador pedagógico pois, percebe-se que o cotidiano exige de tal profissional a constante motivação para pesquisar a formação continuada dos professores, no âmbito escolar, observando o desenvolvimento de ações que atendam às demandas, por meios que auxiliem a prática educativa, minimizando, dessa forma, as dificuldades vividas pelos professores em sala de aula. Comentando com Lück (2006, p. 36), o coordenador faz parte de uma equipe gestora que se baseia na sua participação coletiva no compromisso de auxiliar na obtenção de resultados educacionais cada vez mais significativos.

Dessa forma, ao supor que, isoladamente, o professor não consegue dar conta de todos os acontecimentos que perpassam o ambiente escolar, cabe ao coordenador pedagógico articular, orientar, discutir e buscar possíveis caminhos em conjunto com os professores, levando em conta suas experiências como também colaborando, através do exercício da reflexão, no acompanhamento das atividades pedagógicas, em consonância com o projeto pedagógico, além da articulação em relação a toda a comunidade escolar.

É importante salientar que muitas mudanças ocorrem continuamente na sociedade as quais influenciam as transformações ocorridas na área educacional, impulsionando os professores a buscarem alternativas para superação das contínuas questões, no entanto, esse cenário exige um posicionamento da escola e, conseqüentemente, dos professores no direcionamento de suas atividades. É nesse sentido que o coordenador pedagógico educacional encara a razão de sua função bem como o seu entendimento como o profissional na escola responsável pela formação continuada dos professores. Comentando Mate (2007, p.18), a questão da territorialidade no desempenho da função do coordenador pedagógico se concretiza num contexto de aprendizagem local por conta das constantes indagações e buscas por resolução de problemas e desafios que se apresentam cotidianamente no espaço escolar.

Na contemporaneidade um desses desafios, exigido cada vez mais do professor e por extensão, do coordenador pedagógico é o conhecimento das novas tecnologias, bem como a necessidade de trabalhar a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, a busca de novas metodologias que abranjam e impulsionem o maior número de alunos possível evitando, no processo, a perpetuação da exclusão na escola e minimizando os índices de evasão e reprovação.

Entende-se que para que os professores dominem com propriedade as possíveis inovações necessárias à prática docente o coordenador pedagógico tem papel

fundamental no suporte e formação continuada dos mesmos, pois o trabalho deste é ressignificar a prática docente através do exercício da coletividade pedagógica a qual valoriza a experiência dos professores e prepara caminho para que novas ideias sejam inseridas no campo. Clementi (2001, p. 57) afirma que “isso significa dizer que, sob essa perspectiva, o processo de formação está vinculado à prática, à sua observação e à sua avaliação. É a partir delas, e para responder a suas demandas, que coordenadores e professores discutem, analisam e planejam”

Ao voltarmos nossa reflexão para a ação do coordenador pedagógico, é importante destacar que muitos deles vêm de cursos de licenciatura que nem sempre dão o devido destaque à perspectiva pedagógica e por isso não os preparam de maneira adequada para administrar profissionalmente sua equipe no espaço escolar, ficando tal tarefa a cargo do próprio coordenador se especializar por conta própria seja através de extensões, seja através de cursos oferecidos pelas secretarias dos municípios, os quais nem sempre abordam com propriedade as facetas e desafios que o profissional pedagogo, na função de coordenador pedagógico terá de enfrentar, ou como deverá enfrentar, principalmente quando o foco é a formação continuada. De acordo com Clementi:

Cada vez mais fica explicitada a necessidade de os profissionais se aprofundarem e estudarem para desenvolver um trabalho consciente e responsável. Constata-se, no entanto, que a formação continuada deles está dependendo muito mais de uma mobilização pessoal do que um investimento por partes das escolas. (CLEMENTI, 2001, p. 63)

De acordo com Arroyo (2008, p.19), enquanto o professor constrói sua identidade coletivamente junto a seus pares e a fortalece no cotidiano escolar, o coordenador pedagógico segue em uma vertente oposta, ou seja, ele desconstrói sua identidade coletiva como docente a fim de construir uma nova: a de coordenador. Em muitos casos, tal processo não é bem visto ou bem aceito pela equipe docente da escola, o que acaba gerando uma crise de identidade e de autoridade repercutindo no próprio trabalho didático. Tal entrave, de acordo com autores como Polon (2009, p.267) e Souza (2012, p.60), se dá porque o coordenador pedagógico por estar situado numa posição intermediária na hierarquia da gestão adquire um perfil relacional e por isso, acaba sendo exposto a conflitos de cunho hierárquico vertical entre o diretor, o coordenador pedagógico e o corpo docente.

Nesse palco um tanto quanto contraditório e com grande número de questionamentos, favoráveis ou não à educação, esse profissional necessita de respaldo para promover o diálogo entre o educador, o educando e a educação. Partindo análise e

focando horizontes mais distantes, o coordenador pedagógico deve objetivar uma integração ainda maior, trazendo para a realidade escolar toda comunidade na qual a escola está inserida. Quando bem-intencionado e focado em sua função, poderá facilitar as relações internas e externas ao espaço escolar, porém, é necessária uma conscientização por parte da equipe docente da escola, pois muitas vezes está acostumada a uma didática baseada nos moldes tradicionais e, portanto, não recebem de bom grado a interferência pedagógica.

É importante que o professor compreenda a função formativa que o coordenador desempenhará em sua vida profissional. De acordo com Vituriano (2008, p.62): “uma escola que procura instaurar espaços de formação para seus professores somente alcançará esse fim quando desenvolver uma aprendizagem organizacional a qual toma por base uma prática reflexiva para assim promover mudanças em sua própria cultura”. Desse modo, relegar a segundo plano a função e a importância do coordenador pedagógico na escola é de certa forma boicotar o próprio desenvolvimento escolar. É de suma importância que este profissional busque através de constantes pesquisas, novas metodologias e práticas funcionais que permitam o suporte necessário ao desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem e não apenas a utopia criada pelos sistemas de ensino, que prega a quantidade ao invés da qualidade.

Desta forma, pode-se afirmar segundo Lima & Santos que para se chegar a esse objetivo de fato, o coordenador pedagógico precisa primar por algumas funções que dentre outras, são:

- Acompanhamento da equipe docente em suas atividades de planejamento e avaliação;
 - Contribuir com elementos que permitam o aperfeiçoamento e atualização pedagógica dos professores em relação ao seu exercício profissional;
 - Incentivar a participação da comunidade escolar em reuniões, discussões e debates no sentido de buscar cada vez mais melhorias para o processo educativo;
 - Estimular os professores a desenvolverem seu trabalho com entusiasmo, auxiliando-os na busca pela solução dos problemas que aparecem.
- (LIMA & SANTOS, 2007, p.77-90)

Dessa forma, pode-se idealizar o coordenador pedagógico como um promotor da formação continuada e um estimulador do desenvolvimento da aprendizagem através do aperfeiçoamento docente, uma ponte entre a comunidade, o professor, o aluno e a educação. Tais predicados são imprescindíveis ao coordenador uma vez que cobram grande disponibilidade e maturidade pedagógica no que diz respeito à pesquisa e a introdução de novos saberes e métodos em seu leque de competências.

Comentando Rosa (2004, p. 142) por ser responsável pela formação continuada dos professores, o coordenador pedagógico precisa sempre procurar atualizar o corpo docente, através da reflexão constante sobre o currículo, o planejamento, a avaliação bem como modernizar as práticas pedagógicas dos mesmos estando sempre atento às mudanças que ocorrem no campo educacional. Sendo assim, Rosa ainda defende que o coordenador deve preocupar-se com o fato de estar em constante processo de auto formação, pois tais mudanças nunca param de ocorrer no ambiente escolar como, por exemplo, a aprendizagem e constante uso das novas tecnologias de informação, em especial no campo da informática.

Libâneo (2004, p. 31) completa que “o coordenador enquanto gestor pedagógico da escola, deve instigar a participação dos professores não só quanto à frequência nas reuniões, como também a participarem ativamente das atividades de formação continuada”. Ou seja, é importante que o professor abandone a postura de mero ouvinte e passe a sentir-se e assumir-se como protagonista do seu processo de formação uma vez que esta é uma atividade inerente à sua profissão.

O coordenador pedagógico é, em primeira instância, um professor, mas com atribuições um pouco diferentes das que têm os professores em sala de aula, uma vez que tem que tomar a frente da equipe pedagógica liderando, ter uma ótima capacidade de comunicação, estando aberto tanto ao diálogo quanto à resolução de conflitos advindos deste, bem como otimismo e dedicação na busca pela educação ideal. Todas essas características – dentre outras – devem estar impregnadas no profissional que atua na coordenação pedagógica.

Acompanhar a demanda da escola bem como enfrentar as diversas dificuldades junto com o corpo docente é um desafio que exige que o coordenador pedagógico esteja em constante atualização, preocupando-se primeiramente com a sua própria formação adotando práticas contínuas de leituras, visitas a sites, participações em seminários e congressos onde possa aprofundar seus conhecimentos acerca das dificuldades específicas e peculiares que os professores enfrentam no cotidiano da sala de aula. Entretanto, cabe ressaltar que nem sempre isso é possível uma vez que a rotina do complexo ambiente escolar obriga o coordenador pedagógico a assumir diversas funções, como resolver questões de indisciplina ou burocráticas, prejudicando os encontros formativos dos profissionais.

Outra preocupação recorrente ao coordenador pedagógico por conta da resistência dos próprios professores em participar desse processo de formação e

consequente mudança, alguns por o considerarem obsoleto, outros por o acharem demasiado desvinculado da realidade da sala de aula. Vituriano explica que:

É importante lembrar que esta resistência à mudança nas escolas, não pode ser considerada como falta de compromisso dos profissionais envolvidos. O que observamos na verdade é que, parte dessas resistências, emergiu por conta de uma cultura individualista ainda presente nas escolas, fruto de um processo histórico que influenciou consideravelmente a organização dos espaços e tempos escolares. (VITURIANO, 2008, p.16)

É sabido que tal postura não se extinguirá sozinha, contudo investir em informação, comunicação e superação são caminhos eficazes para qualquer profissional traçar, principalmente nos tempos modernos, onde toda a sociedade, (principalmente discente) adere constantemente às influências da globalização e para tanto, buscam avidamente pela construção ou aprimoramento de conhecimentos que lhes permitam continuar emparelhados a tais influências. Para tanto, a formação continuada torna-se uma atividade necessariamente relevante como alicerce de uma prática docente que não só introduz a essa era do conhecimento e da tecnologia como também o faz de forma consciente.

2.3 Relações de trabalho entre o coordenador pedagógico e o gestor escolar

É sabido que ainda que o coordenador pedagógico compreenda que sua responsabilidade seja elaborar e gerir o trabalho pedagógico da escola, na maioria das vezes, ele nem sempre encontra autonomia e apoio da equipe gestora, o que só dificulta seu trabalho de acompanhamento e sua ação formativa, comprometendo de certa forma bem como da própria direção, que almeja por uma educação de qualidade oferecida na escola. Nesse sentido, Medina afirma que:

As posições de aceitação, não aceitação, hostilidade ou indiferença por parte do diretor, assumidas diariamente em cada escola, fortalecem [...] que o trabalho do supervisor está na dependência de o diretor concordar que este atue nas escolas. (MEDINA, 2008, p. 15).

Assim, há uma direta relação entre a ação do coordenador pedagógico e o trabalho de gestão escolar a qual precisa ser constantemente analisada. Também é importante destacar que muitos coordenadores adquiriram uma postura de dependência

com o gestor escolar e, por extensão que sua ação de verificação só surte efeito num processo educacional eficaz quando realizado através do controle.

Pesquisas e relatos de pesquisadores da área como Soares (2012), Lück (2007) e Souza (2012) descrevem detalhes desse perfil, entretanto, já é possível perceber-se mudanças positivas, onde o coordenador pedagógico passa a ter maior autonomia e clareza em suas funções como na organização da formação docente, no acompanhamento do processo ensino-aprendizagem e como elo entre a equipe gestora e docente em uma postura colaborativa e de coletividade. E quem dá fidedignidade a tais constatações são os próprios sujeitos da comunidade escolar, em especial os professores, quando veem o empenho de tal profissional em lutar para afirmar a escola como um espaço de apoio para a alocação das novas posturas profissionais que necessitam ser assumidas a fim de que a escola acompanhe as constantes transformações da sociedade.

Sabe-se que para se compreender a forma que o cotidiano da escola e o trabalho pedagógico devem acontecer é importante compreender também a função do coordenador pedagógico que deve ser organizada e assegurada; assim, as prioridades do trabalho organizam-se em função da aprendizagem de qualidade e do sucesso dos alunos. Para tanto, faz-se necessária uma constante análise das estratégias metodológicas desenvolvidas, planejadas e aplicadas junto a eles, pois estas devem estar em conformidade com os propósitos teórico-metodológicos determinados coletivamente no Projeto Político Pedagógico (PPP), cuja elaboração deve ser estabelecida pelo Coordenador Pedagógico.

O tema gestão democrática é foco de diversos estudos há algum tempo, principalmente no que diz respeito ao trabalho da equipe gestora da escola, mas, aqui o principal objetivo é propor uma reflexão em torno da vivência entre os diversos atores da comunidade escolar em consonância com o trabalho desenvolvido pelo coordenador pedagógico.

Em outras palavras, uma gestão construída com base na democracia e na inclusão de toda comunidade escolar, garante autonomia ao coordenador pedagógico na hora de organizar trabalho didático-pedagógico, conforme ditam as orientações da LDB 9394/96:

Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I – participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II – participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes. (BRASIL, 1996, p. 15)

Em outras palavras, a equipe gestora deve construir uma gestão democrática e participativa, mas, no entanto, o que se pode ver é que muitos gestores sentem dificuldades em colocar em prática tais preceitos uma vez que estão repetidamente enraizados em uma rotina estabelecida pelo cotidiano educacional.

A ação do coordenador pedagógico em conjunto com a direção escolar contribui para o desenvolvimento da coletividade nas ações pedagógicas diárias. Tal postura faz toda a diferença principalmente ao empoderar-se dá ideia de que educação de qualidade estabelece suas bases na coletividade, caminho imprescindível ao gestor escolar que almeja o sucesso de sua equipe. Desse modo, é possível sim, crer em um trabalho coletivo administrado pela equipe gestora e tendo como orientador principal o coordenador pedagógico, e abrangendo democraticamente todos os demais setores da escola e da comunidade escolar.

De acordo com Lück (2007, p. 10): “Portanto, quando se pensar em algum setor da escola, deve-se pensar em suas relações com os demais setores, bem como com a comunidade”. Desse modo, confirmamos que a coordenação pedagógica possui uma estreita relação de trabalho com a gestão escolar, suas necessidades, desafios, reflexões e conceitos e sofre continuamente com a influência das mais diversas formas existentes de gestão.

É perceptível que essas diversas formas de gestão estão diretamente ligadas também às inúmeras mudanças que vem acontecendo na sociedade nas últimas décadas. Tais mudanças são inevitáveis e interferem profundamente na construção do caminhar da escola a qual está inserida em uma sociedade recheada dos mais diversos conflitos sociais, culturais e econômicos e influenciam diretamente no *modus vivendi* dos cidadãos contemporâneos, acercando-os cada dia mais das alterações frente aos acontecimentos do mundo.

É nesse sentido que pesquisadores de diversas áreas se dedicam a descobrir novos caminhos que possibilitem um maior desenvolvimento dos índices de desempenho escolar, seja através de produções acadêmicas, seja através do constante processo de coleta de dados feita pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC com instrumentos criados e regulamentados especialmente para esse fim, pois, segundo Grosbaum e Davis (2002, p. 77) “o sucesso de uma escola é medido pelo desempenho de seus alunos.”

Constata-se que existe uma complexidade na educação que leva gestores, especialistas e professores a discutirem caminhos que busquem uma educação que promova melhores índices de aprendizagem a partir do desenvolvimento de práticas metodológicas renovadas, interdisciplinares, transdisciplinares e multidisciplinares.

Para tanto, existem e cada dia surgem novas estratégias que não só diagnosticam conflitos educacionais atuais como também permitem que a comunidade escolar dialogue no intuito de se mobilizar em busca de soluções, que podem através de novas tecnologias, novos instrumentos de registro e ressignificação de conceitos ou meios de obtenção de conhecimentos.

Quando se fala em gestão democrática, educação de qualidade e parceria entre gestores e coordenadores direciona-se para a necessidade de um olhar mais apurado que inclua a comunidade escolar em questão, na elaboração e reelaboração de forma organizada do Projeto Político Pedagógico. Nesse contexto, o coordenador pedagógico realiza uma função norteadora no processo de busca de soluções por meio da sistematização do planejamento coletivo, enfatizando o contexto social no qual a escola está inserida.

É preciso compreender os estabelecimentos de ensino como sistemas educacionais vivos e dinâmicos, unidades sociais que precisam ser entendidas em suas origens, anseios e características, como uma rede de relações onde os elementos interferem, direta ou indiretamente sob diversas formas de organização; são essas formas de organização que a gestão educacional junto ao coordenador pedagógico tenta administrar, portanto, a gestão engloba o papel que deve ser desempenhado pelo coordenador pedagógico, como prática social.

Quando se fala em conceito de “gestão educacional”, deve-se ampliá-lo também para a ação dos gestores e coordenadores, excluindo o termo “administração educacional”, uma vez que já não cabe a apenas um agente, o papel e a responsabilidade pelos caminhos que a escola trilha e trilhará. Assim, abre-se espaço não só para novas ideias, mas também novos paradigmas, que se busca concretizar na escola uma ação transformadora, a partir da democratização das decisões e das relações que ocorrem, cotidianamente tanto no seu contexto interno quanto no externo.

Para Antunes:

Pensar a democratização da gestão educacional implica compreender a cultura escolar e os seus processos, bem como articulá-los às suas determinações históricas, políticas e sociais. Significa especialmente entender as diferentes concepções de “gestão democrática”. Estas diferentes concepções, de um lado,

estão associadas ao rompimento do modelo autoritário, burocratizado e centralizador e à possibilidade de maior participação de todos, desde que todas as ações estejam intimamente articuladas ao compromisso sociopolítico com os interesses coletivos. Expressam e favorecem as ampliações da compreensão do mundo, de si mesmo, dos outros e das relações sociais, essenciais para a construção coletiva de um projeto de escola (ANTUNES, 2008, p.16)

Embora existam normas e critérios que orientem a escola na busca por um ensino de qualidade, se não houver articulação e cooperação, estes acabam se tornando obsoletos. Para isso, é importante também que o coordenador pedagógico influencie não só a equipe docente como também a gestão escolar no sentido de acompanhar a forma como as funções são distribuídas no intuito de garantir que as metas projetadas coletivamente no momento da reelaboração do PPP, bem como do Plano de Desenvolvimento da Escola - PDE sejam alcançadas a contento. Para Grosbaum e Davis,

Esse sucesso é uma construção. Depende da participação de toda equipe escolar e, sobretudo, da atuação das lideranças. Os gestores precisam trabalhar com os professores a concepção de escola que desejam implementar e, de acordo com essa concepção, como se definirá o projeto político pedagógico da escola e a prática de seus professores, de maneira a promover a aprendizagem contínua dos alunos (GROSBAUM; DAVIS, 2002, p. 77).

Devido à complexidade existente no ambiente escolar é importante se oferecer uma educação de qualidade que promova o nível de organização das metas de trabalho, fomentando uma boa gestão. Dessa forma garante, que a comunidade escolar tenha direito à participação das decisões referentes à escola, construindo-se uma postura democrática quando se abre para o debate e reflexão ativa de todos os sujeitos na administração escolar.

Em consonância a essa ideia, torna-se óbvio que o gestor escolar, não pode sozinho gerir todo o processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido, legislação nacional através da LDB (BRASIL, 1996) esclarece sobre a implantação do papel do coordenador pedagógico, como responsável pela organização de todo o trabalho pedagógico a começar pelo planejamento escolar, acompanhamento e pela sistematização da formação dos docentes, através de reuniões pedagógicas onde são discutidas as formas de se verificar, dentre outras coisas, os índices de aprendizagem.

Santos e Oliveira explicam que tal identidade foi construída a partir de uma necessidade da escola, pois:

O termo coordenador pedagógico constituiu um atenuante para a conotação negativa do termo “supervisor pedagógico”, função que na década de 80 foi fortemente criticada como sendo uma atividade controladora da prática pedagógica dos professores, relegados à condição de executores. Também

passou a ser usado como uma forma de aglutinar, na prática, as funções dos especialistas (supervisor e orientador educacional) formados nos cursos de Pedagogia antes das atuais Diretrizes Curriculares Nacionais. (SANTOS & OLIVEIRA, s/d, p. 04)

Por outro lado, percebe-se no cotidiano escolar as falas dos educadores, muitas vezes ainda atreladas a conceitos do senso comum que normalmente preferem apenas preencher documentos burocráticos que precisam ser entregues na secretaria da escola sem exercitar a ação de pensar sobre o significado de tais ações. Isso, de certa forma, colabora com a precarização do trabalho docente, pois, limita a sua própria ação de debruçar-se sobre as dificuldades de aprendizagem dos alunos a fim de auxiliá-los a encontrar caminhos que venham sanar tais dificuldades. Seu tempo está comprometido em sua quase totalidade com coleta e repasse de dados, ministração da maior quantidade possível de conteúdo; caso não tenham a devida orientação, tende a ser perda de tempo e os resultados são tão fragmentados que não servindo como parâmetro diagnóstico e nem norteadores da prática pedagógica dos docentes, não conseguindo superar os limites do papel.

Comentando Oliveira (2004, p. 1140), o trabalho pedagógico foi reformulado, abrindo espaço para uma nova organização escolar, como exemplo, a inserção da comunidade escolar no processo de decisões da gestão democrática e este quando é feito sem as devidas adequações convergem em processos de precarização do trabalho docente, conforme citado anteriormente.

Se o gestor escolar não valorizar o potencial existente na parceria com o coordenador pedagógico não haverá variados meios de otimizar a coleta de dados e muito menos de envolver os professores no processo educativo que é pautado no ciclo ação – reflexão – ação gerados pelos dados coletados, e todo o esforço e dedicação empregados frente as informações contidas nos referidos dados coletados não se ressignificam, não se atualizam, não se transformam.

É esse um dos motivos que leva a maioria dos profissionais da educação a ver o trabalho burocrático escolar como uma ação desmembrada da realidade escolar, pois se gasta muito tempo apenas com ele sem, no entanto, enfatizar o seu estudo, debates e planejamento na busca pela qualidade do ensino. Aqui cabe apontar a necessidade de se aproveitar os dados coletados para discutir e traçar ações que abranjam a realidade social dos educandos, sem, no entanto, deixar de lado a busca por respostas que sanem as dificuldades de aprendizagem dos mesmos promovendo a aprendizagem e a elevação dos índices escolares.

Se o gestor não compreender a necessidade de delegar funções a seus respectivos responsáveis certamente pode resultar em um trabalho individualizado no qual todos fazem tudo e ninguém faz nada. É necessário que o que determina o sucesso das ações conjuntas é a compreensão da importância das ações individuais de cada ator para se desenvolver a cooperação entre todos os envolvidos. Pensando dessa forma, não estamos cogitando individualizar ou integrar todas as ações, mas de o gestor liderar as ações de sua equipe, intercedendo no processo e encarregando cada função ao seu respectivo responsável, o que não impede que todos participem da realização do que foi requerido.

É fato que há necessidade de uma mediação mais profunda entre as funções dos especialistas onde cada um deve exercê-la para que haja a sinergia no trabalho e o processo ensino aprendizagem seja bem-sucedido.

Outro fator que podemos destacar, é que os coordenadores pedagógicos conhecem suas atribuições, mas a hierarquia do sistema os faz atender a pedidos controversos dos gestores contribuindo assim para o distanciamento de suas funções pedagógicas. Transcender essa condição é função do próprio coordenador pedagógico, pois para se alcançar esse objetivo e auxiliar o diretor a administrar a relação entre sua equipe de trabalho é preciso agir em prol da erradicação de ações fragmentadas, buscando promover a cooperação entre o trabalho dos envolvidos. De acordo com Lück:

O líder escolar que delega, envolve, como companheiros de trabalho, professores e demais funcionários da escola, no processo de tomada de decisão, criando também, desta forma, seu comprometimento com as decisões tomadas. Trata-se de uma ação criadora de elevada sinergia, isto é, de força conjunta dinamizadora de ações coletivas. (LÜCK, 2001, p. 55).

Essa delegação de funções só surte o desejado resultado quando há parceria entre os envolvidos. Nesse contexto, Orsolon (2000, p. 19), explica que “o coordenador é apenas um dos atores que compõe o coletivo da escola. Para coordenar, direcionando suas ações para a transformação, precisa estar consciente de que seu trabalho não se dá isoladamente [...]”. Em outras palavras, nenhum profissional atuante da escola deve trabalhar sozinho. Da mesma forma acontece com o coordenador o qual não pode querer resolver todas as coisas de forma isolada. Nesse sentido, Oliveira et al (2011, p. 58), “é necessário compartilhar as angústias, para administrar os conflitos e chegar a soluções juntamente com o grupo, a fim de promover a qualidade do processo educacional da escola.”

3 O COORDENADOR PEDAGÓGICO E A FORMAÇÃO CONTINUADA NA ESCOLA: repensando pedagogicamente o uso das TIC's no espaço formativo

Compreender a importância da participação dos professores, coordenadores pedagógicos e gestores escolares na organização do trabalho pedagógico perpassa pela articulação dos elementos que constituem a totalidade da escola, de acordo com o parágrafo único do artigo 45 das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN's)¹ (BRASIL, 2016) que trata da natureza e da finalidade da instituição, da relação da gestão democrática com órgãos colegiados, das atribuições dos seus órgãos e sujeitos, das suas normas pedagógicas, incluindo os critérios de acesso, promoção, mobilidade do estudante, dos direitos e deveres dos seus sujeitos: estudantes, professores, técnicos e funcionários, gestores, famílias, representação estudantil e função das suas instâncias colegiadas.

De fato, conceber a escola como um *locus* privilegiado para a formação continuada com base em estudo, pesquisa, planejamento e análise crítica constante da sua própria prática, é sem dúvida um direcionamento que vai de encontro com o movimento ação-reflexão-ação e é um processo de reconfiguração da função político-pedagógica da natureza da prática docente e da gestão e coordenação escolar como interfaces do PPP da escola.

A formação docente, no âmbito da escola possibilita planejar, projetar, realizar, avaliar, reescrever, replanejar, reorientar as ações docentes articuladas, é claro ao currículo, ao Projeto Político Pedagógico, que, sem dúvida, possibilita a superação da visão de escola guiada por “piloto automático,” permeada por pensamentos e ações, que se repetem, sustentam e legitimam práticas pedagógicas excludentes e desumanas.

O enfrentamento dos problemas da prática pedagógica possibilita compreender as múltiplas relações e suas conexões internas como parte de uma totalidade. Assim a apreensão dessas relações oferece elementos teóricos metodológicos para atualizar, desenhar e redesenhar projetos, planos de trabalho docente com vistas a uma educação emancipatória/transformadora.

Nesta ótica, afirma Arco-Verde:

A formação continuada traz como princípio a necessidade de manter a articulação teoria e prática na compreensão da prática docente como práxis,

1

onde prática é teoria e prática ao mesmo tempo e a formação teórica não prescinde da prática, pois deve ter seus pés atados à realidade. Está umbilicalmente vinculada à concepção do professor como um intelectual. A relação formação inicial, de bases teóricas conscientes da realidade que se apresenta que sustenta a profissionalização, numa reflexão constante da conjuntura na contemporaneidade, do quadro político e institucional que os professores têm pela frente, faz da formação continuada a grande possibilidade de avanço na educação. (ARCO-VERDE, 2008, p. 185)

O ato do reconhecimento da hora-atividade como espaço para realização de atividades de estudo, pesquisa, planejamento e avaliação do processo ensino-aprendizagem, representa o resultado de uma conquista histórica das lutas dos professores. É a construção e constituição de um espaço reservado à discussão das necessidades do trabalho docente para além da sala de aula, ou seja, é atividade profissional que ocorre antes, durante e após a aula, o que exige tempos diferenciados para a sua organização é claro com o suporte do coordenador pedagógico.

O direito garantido em lei de 1/3 da jornada de trabalho² do professor destinada às atividades de planejamento e formação continuada apresenta-se como possibilidade de construção de trabalho coletivo na escola. Contudo, sabe-se que existe ainda uma distância entre o direito prescrito na lei e a efetividade desse direito, o que implica na reconfiguração da carreira dos professores no âmbito das unidades federativas. Esse direito é reafirmado, endossado pelo Decreto nº 6.755/2009:

Art. 2º São princípios da Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica:

I - a formação docente para todas as etapas da educação básica como compromisso público de Estado, buscando assegurar o direito das crianças, jovens e adultos à educação de qualidade, construída em bases científicas e técnicas sólidas;

II - a formação dos profissionais do magistério como compromisso com um projeto social, político e ético que contribua para a consolidação de uma nação soberana, democrática, justa, inclusiva e que promova a emancipação dos indivíduos e grupos sociais. (BRASIL, 2009, p. 01)

No inciso XI do mesmo artigo é definido que “a formação continuada entendida como componente essencial da profissionalização docente, devendo integrar-se ao cotidiano da escola e considerar os diferentes saberes e experiência docente.”

Assim, compreende-se que de posse dessa legalidade cabe a escola através da gestão pedagógica, auxiliada pelo coordenador pedagógico, criar espaços no processo de formação continuada dos professores, fortalecer sua participação em outras instâncias de

² A Lei nº 11.738/2008, em seu Art. 2º, §4º determina a inclusão de 1/3 da jornada de trabalho para a hora-atividade na Lei do Piso.

gestão colegiada, a exemplo do Colegiado Escolar, fomentando práticas pedagógicas assentadas na tomada de decisão e formulação de juízos de valores que justifiquem a intervenção dos professores (e demais sujeitos da comunidade) nas ações estruturais da escola que venham favorecer uma educação transformadora, significativa e de qualidade.

Ressalta-se, a importância de trabalhar a dimensão da inclusão na e da escola. É preciso que a escola seja capaz de trabalhar com a diferença e diversidade de modo a se romper com práticas e estruturas que tendem a reforçar preconceitos e relações excludentes de diferentes matrizes, étnicas, raciais, religiosas, físicas, dentre outras.

O coordenador pedagógico, como elemento essencial na articulação e coordenação dos processos educativos escolares deve ser capaz de compreender e atuar nessas dimensões que estruturam e definem a escola garantindo o direito de aprender como componente do direito à educação. Essa capacidade é sem dúvida, requisito imprescindível, também para se construir no lócus um ambiente educativo que favoreça ao desenvolvimento da ética, da cidadania, da solidariedade, da inclusão, orientado por um projeto político pedagógico que vise uma gestão e coordenação pedagógica/democrática emancipatória.

Compreende-se de fato que a organização do trabalho pedagógico é função da coordenação pedagógica da escola o que implica a articulação de diversos saberes construídos pela formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais, sob a perspectiva do trabalho coletivo.

Assim, observa-se que orientar, acompanhar e planejar a execução de todo processo didático-pedagógico da instituição é de responsabilidade desse profissional, em especial a formação continuada, que deve ser pensada, discutida com o coletivo, porém orientada, direcionada por esse profissional.

3.1 A construção do espaço formativo pelo coordenador pedagógico

A formação contínua do professor é um processo de desenvolvimento dessa profissão e do sistema de ensino, para tanto é importante pensar nela como sua responsabilidade na busca constante por atualização pedagógica bem como mudança de posturas e paradigmas por parte desse profissional com relação à sua prática em sala de aula, pois é lá que de certa forma ele refletirá a sua ação antes, durante e depois do

processo ensino-aprendizagem. “A formação contínua dos professores encontra-se em vias de institucionalização, mas está ainda à procura de seu lugar”, afirma Perrenoud (1996, p.206). Nesse caso, uma das maiores dificuldades enfrentadas pelo coordenador pedagógico é sem dúvida, desenvolver dentro do espaço escolar também um espaço de discussão e análise do fazer pedagógico.

Através de diversas investigações envolvendo a ação formativa no espaço escolar, é possível verificar várias falhas na formação dos professores, dentre as quais as que mais se destacam é dificuldade de reflexão acerca das problematizações, e a autonomia para inovar por parte dos docentes. Isso torna-se um obstáculo a ser transposto pois, impossibilita o acesso a novas oportunidades de aprendizagens, de exercícios de democracia, de reflexão crítica dos acontecimentos socioculturais ligados à comunidade onde a escola está inserida.

No entanto, é possível encontrar caminhos que rompam essa lógica, uma vez que derrubar velhos costumes e construir novos voltados para a realidade nem sempre é bem visto e aceito a contento. O coordenador pedagógico certamente terá dificuldades em estabelecer um ritmo de trabalho e uma sinergia com a equipe, mas com isso pode-se tirar muitos questionamentos que sirvam como ponto de partida para a implantação de um espaço formativo mais eficiente e democrático. Para tanto, podemos observar alguns fatos que o ajudarão nesse sentido os quais não podem ser ignorados:

- A escola é um espaço de contradições e, portanto, choques de ideias são inevitáveis;
- Os diversos atores que participam da comunidade escolar têm voz e experiências que precisam ser compartilhadas e valorizadas;
- O sistema escolar, dependendo de como é gerido pode ser facilitador ou dificultador do processo da aprendizagem e do desenvolvimento profissional;
- A conquista dos espaços formativos na escola deve ser embasada no diálogo e na reflexão coletiva;
- Espaços formativos não só facilitam o desenvolvimento profissional como também na aprendizagem para a profissão;
- A acolhida e o apoio ao trabalho do coordenador pedagógico por parte da equipe gestora favorece o desenvolvimento de aprendizagens profissionais;

Ao analisar tais pressupostos e relacioná-los à formação contínua, alguns estudiosos (MALDANER, 2000; MIZUKAMI et al., 2002; SCHNETZLER, 2002, HARRES et al., 2005 entre outros) logo nos motivam a pensar nas possibilidades de

parcerias a fim de fomentar cursos não só para os professores como também para administrativos, alunos e demais instâncias comunicativas da escola, os quais devem ser desenvolvidos a partir dos seguintes tópicos:

- As dificuldades e necessidades da comunidade escolar;
- A importância da parceria entre os professores e o coordenador pedagógico na hora da organização da formação continuada;
- A aproximação dos espaços de formação do espaço escolar a fim de facilitar a produção de pesquisa ‘do’ e ‘no’ ensino;
- A ideia de que a formação deve transpor o espaço formativo e ganhar a sala de aula num sentido mais amplo;
- A compreensão por parte do professor de que a escola é um espaço aprendente para sua formação;
- O objetivo final da formação é o benefício da escola, fazendo-se necessário um maior entrosamento entre a proposta curricular da Universidade e a instituição escolar;
- O reconhecimento e valorização dos conhecimentos prévios adquiridos pelo docente como referenciais para o processo de formação.

Tais tópicos estão em destaque por conta de que ao se observar muitos momentos de formação continuada, percebe-se que as mesmas, muitas vezes, limitam-se a informações teóricas, que nem sempre respondem às necessidades do professor em suas atividades diárias, pois as mesmas são tão complexas que exigem maior aprofundamento tanto no estudo quanto na prática.

Para que os espaços formativos se consolidem Mizukami (2002) afirma que é necessária a participação de todos os atores envolvidos, ou seja, a direção, a equipe pedagógica e a participação ininterrupta do coordenador pedagógico que norteie o momento de estudos e orientações.

Aqui podemos ver que tais orientações do autor quando observadas provocam uma diferença na escola em relação àquelas onde o individualismo impera, indicando os pontos positivos do trabalho coletivo. O que o professor precisa é sentir-se parte do processo, receber e fornecer apoio, e perceber-se junto aos seus pares como sujeito ativo de um caminho democrático de formação que tem como objetivo o trabalho conjunto que leve a uma aprendizagem marcadamente instigante.

Entretanto, é necessário assumir que a construção de um espaço formativo nos muros da escola é um processo que requer condições que possibilitem a interação e o

trabalho coletivo entre os diversos atores envolvidos. Cunha, discorre sobre a importância dessa interação quando afirma que

O trabalho coletivo reforça a possibilidade de êxito das iniciativas individuais através da possibilidade de partilha, da troca de experiência, da reflexão conjunta e realimenta a disposição do professor que se dispõe a fazer ruptura com a prática pedagógica dominante. (CUNHA 1998, p. 109)

Outro detalhe que precisa ser destacado e que nem sempre é levado em conta é que após os encontros de formação continuada o professor não recebe acompanhamento na sala de aula e quando o recebe sente-se pouco à vontade.

Nesse sentido, é importante que se vincule ao cotidiano escolar a ideia da formação de grupos para estudos constantes mediados, se não pelo coordenador pedagógico, mas pelo menos por outro profissional que tenha condições para orientar seus pares.

Assim, de acordo com Perrenoud (1996, p.206) é possível transpor a ideia de que a formação continuada são “reciclagens articuladas a mudanças importantes, tais como reformas de estruturas, ou introdução de novos programas, de novos meios de ensino e de novas tecnologias”, e passa a ser assumida como um instrumento que permitirá ao professor analisar o seu trabalho pedagógico, no intuito de tratar os problemas educacionais por meio de um trabalho crítico-reflexivo, autônomo e em contínua edificação.

3.2 Formação na era da informação: novos desafios enfrentados pelo coordenador pedagógico

A relação entre o formador e o formando é, sem sombra de dúvida, um grande desafio a ser vencido, pois nos deparamos com a resistência do docente. O que gera desconforto a princípio, ou durante o processo de formação por isso é pertinente afirmar que no dicionário Aurélio (1998), coordenar é “dispor segundo certa ordem ou método [...] organizar, arranjar, ligar, ajuntar por coordenação”. Essa aproximação primeira com o termo faz entender que quem coordena pode ser capaz de mobilizar grupos, pessoas para determinado trabalho, atividade ou ação.

Nesse sentido a coordenação perpassa pela necessidade de existência de pessoas. Estar em contato com grupos, geri-los é com certeza uma das funções primeiras desse profissional.

Há necessidade de integrar através da comunicação os atores do ato educativo, emergindo assim a possibilidade de inovações, como novas práticas docentes, onde haja movimentos de pessoas conscientes e comprometidas que venham se instalar e se ampliar ladeada por uma nova forma de gestar a escola, vislumbrando assim uma nova prática docente.

Pensar a função do coordenador pedagógico e o seu macro campo de atuação requer uma série de elementos indispensáveis que precisam ser entendidos dada à complexidade do contexto escolar e os inúmeros desafios a serem enfrentados. Daí Placco (2005, p.12) elenca esses elementos, a fim de se compreender as reais possibilidades de atuação do coordenador pedagógico na escola. A saber:

- a) Responsabilidade partilhada – Todo o processo de planejamento e desenvolvimento profissional requer o exercício constante da coletividade a fim de que os efetivos resultados sejam alcançados com responsabilidade.
- b) Interlocução participada – É o espaço-momento onde o coordenador pedagógico pensa e repensa a ampliação dos meios comunicacionais entre os atores escolares equacionando a prática docente e compartilhando perdas e ganhos;
- c) Confronto cotidiano – É na vivência do dia-a-dia que o profissional da educação confronta-se consigo mesmo e com os outros atores do ambiente escolar e com as mudanças que dele advém. Nesse processo, surge um movimento que permite repensar a consciência e a sincronicidade com quem coordena. Assim, o coordenador precisa aprender a lidar com o movimento de idas e vindas, saltos, evoluções e até retrocessos;
- d) Tempo e movimento – O coordenador pedagógico precisa contar com os imprevistos advindos das constantes transformações na escola as quais nem sempre ocorrem de maneira contínua e regular.
- e) Os olhares – Exercício constante e necessário ao coordenador pedagógico, que precisa desenvolver o olhar da constatação, da investigação, da análise e reflexão, da ação de re-olhar, da avaliação, da curiosidade e da invenção, olhar de respeito.
- f) Formação do próprio coordenador pedagógico – O próprio ato de coordenar requer uma constante ação formativa. É possível por meio do ato de organizar,

planejar e avaliar formar sua consciência crítica, como ponto de partida para a efetivação de uma atuação prática, coerente com a construção de um trabalho pedagógico coletivo com compromissos sociais: formação de professores conscientes de si, da sua própria prática e da prática vigente, capazes de tomar decisões e agir baseados nessa premissa;

- g) Integração entre ações da escola definidas em seu PPP, a comunidade e a prática docente – o coordenador pedagógico tem a função de auxiliar os professores a estabelecerem uma relação entre sua prática social e a docente, possibilitando assim a introdução das ações da escola à realidade social. Assim é fundamental o desenvolvimento de uma consciência crítica por parte dos educadores que os permita estabelecer relações entre a escola e a realidade da comunidade, lócus da sua inserção.

Refletir sobre a função do coordenador pedagógico a partir dos elementos acima selecionados, possibilita um olhar mais acentuado sobre os desafios de assumir, a formação docente e outras atribuições na escola. Uma atividade que deve ser encarada com responsabilidade, por ser dotada de elementos potencializadores para a qualificação docente, uma vez que o professor pós-moderno tendo acesso às tecnologias de informação, poderia desenvolver suas atividades em sala de aula de forma diferenciada, ou seja, significativa, atendendo às necessidades e peculiaridades do alunado, de forma que sua aula fosse eficiente e eficaz, porém, o que se percebe no dia a dia escolar é que uma grande parcela dos professores, ainda não conseguem fazer uso da tecnologia ao seu favor unindo a prática e a teoria numa sintonia perfeita, orientado pelo Projeto Político Pedagógico da escola, e o plano de aula que produziu para atender sua sala de forma sistemática e satisfatória, abrindo uma lacuna negativa do uso das TIC's.

Quando o professor faz uso de qualquer material midiático, sem adequá-lo à sua classe, sem organização pedagógica para ministrar sua aula, desmotiva os alunos ao invés de mobilizar saberes e aguçar a suas curiosidades; estes têm acesso na sala a um material, às vezes, já conhecido, o professor não consegue planejar a contento e consequentemente não desperta interesse nestes, por fazer uso de algo que não surgiu da realidade local e sim do “Ctrl C+Ctrl V”. De acordo com Veldhüzen:

É necessário que o professor esteja por dentro do que se passa na sociedade e se mantenha atualizado em relação aos avanços nos campos da sociedade e da cultura, da ciência e da técnica, da saúde e do meio ambiente, da política e da filosofia de vida. Deve saber definir a sua posição quanto a cada um destes

avanços, consciente de que é um modelo importante para os seus alunos.
(VELDHÜYZEN (s/d, p. 08)

Nesse sentido, Placco (2005, p.22) fomenta a importância do coordenador pedagógico na escola, devido a clareza que se foi construindo acerca da ideia de que seu papel principal é formar os professores e contribuir para o desenvolvimento profissional, processo esse que envolve uma multiplicidade de saberes e de práticas. Dentro desta conjuntura, o papel do coordenador pedagógico torna-se delicado, pois, precisa saber conduzir o processo sem ser invasivo, desmerecendo o trabalho do professor, mas como co-orientador e articulador que caminha com o professor lado a lado conduzindo-o a refletir sobre sua prática incorporando o tripé ação-reflexão-ação como prática cotidiana de modo que venha retroalimentar sua práxis pedagógica diariamente refazendo seu caminhar com segurança, empoderado dos conhecimentos necessários para mobilizar saberes nos seus alunos fomentando assim, a curiosidade destes. Ao mesmo tempo Garrido afirma que:

O trabalho do coordenador é por si só complexo e essencial e como formador mais ainda, uma vez que busca compreender a realidade escolar e seus desafios, construindo assim, alternativas que se mostrem adequadas e satisfatórias para os sujeitos escolares [...], propondo um mínimo de consistência entre as ações pedagógicas, tornando-as solidárias e não isoladas ou em conflito umas com as outras [...]. Essa tarefa articuladora, formadora é difícil, primeiro porque não há formulas prontas a serem reproduzidas. É preciso criar soluções adequadas a cada realidade. Segundo porque mudar práticas pedagógicas não se resume a uma tarefa técnica de implementação de novos modelos (GARRIDO, 2005, p.9).

Nesse contexto é necessário que o coordenador pedagógico imbuído da responsabilidade que lhe é conferida, seja capaz de acolher mudanças que surgirão no curso do processo, acredita-se que os sujeitos envolvidos compreendam que para mudar é fundamental perceber e reconhecer os limites do próprio trabalho, estranharem e questionarem tudo que lhe rodeia no lócus escolar e lhe é peculiar, familiar, comum, rotineiro; mudar, alterar valores e hábitos, conviver positivamente sabendo gestar os conflitos nos diferentes âmbitos; saber fazer intervenções nas diversas formas de relacionamento, agregar, construir, empreender transformações na cultura escolar organizacional e acima de tudo usar a sabedoria para fazer o enfrentamento dos inúmeros desafios calcados na resistência.

Se percebe que a maioria dos professores não reconhecem ou não entendem a importância do trabalho do coordenador com o formador, bem como não veem a própria

escola como o lócus primordial para a formação, devido sem dúvida à nova burocracia que ainda permeia a escola e a ação desse profissional.

Segundo Canário:

A pertinência da “formação centrada na escola” tem como base o pressuposto de que os professores aprendem a sua profissão nas escolas e que essa aprendizagem coincide com um processo largo, contínuo e multiforme, de socialização profissional que comporta modos e vertentes deliberados (formais) e não deliberados (informais). Centrar a formação (socialização deliberada) na escola significa, de algum modo, formalizar o informal, conferindo um caráter intencional e consciente àquilo que, normalmente, não o é: o processo de socialização difusa que está presente no exercício do trabalho (CANÁRIO, 2004, p.137).

É importante fazermos uma análise da escola, constituir-se uma instância aprendente, onde os professores aprendam sobre sua profissão, a partir das tematizações do próprio sujeito do processo. Assim, ao se perceber no verso e reverso, a escola passa a se reconhecer, buscando atuar com outro foco, com outro olhar. Professores, alunos, administrativos, comunidade, todos são sujeitos desse processo, peças fundamentais para as possíveis mudanças no chão desta.

Essa fala remete a um contexto bem peculiar nas escolas, que é o distanciamento entre sujeitos da ação educativa, alvo direto desta pesquisa, coordenador pedagógico e professor. Estes necessitam estreitar os laços de afetividade, de reconhecimento do papel social de cada um, bem como esquivar-se dos preconceitos, dos medos e inseguranças que permeiam esse território tão fértil e em construção, passível de erros e acertos, por se tratar de seres humanos, obras inacabadas, e imperfeitas, que precisam se perceberem bem como perceberem o outro como extensão natural e necessária no processo de mediação do ato de desconstruir e construir paradigmas que atendam o lócus social escolar, a partir da necessidade dos sujeitos-foco, peças prioritárias no processo educativo, os alunos.

O presente trabalho tem sua gênese a partir da necessidade de um olhar mais aguçado e minucioso sobre o papel do coordenador pedagógico na prática cotidiana de forma efetiva para atender aos docentes nas suas peculiaridades com ênfase nas TIC's visando identificar seu campo de atuação e a mudança de postura na relação coordenador-professor;

Assim, para se alcançar o objetivo ao qual se propõe este trabalho que é refletir sobre o papel do coordenador pedagógico no lócus escolar, bem como sua responsabilidade com a formação continuada dos professores e a relação de empatia e aceitação entre os mesmos e o coordenador numa perspectiva construtiva e significativa.

A seguir, será feita uma análise a partir do que está sendo discutido até o momento com alguns estudos confrontando com os resultados obtidos a partir da proposta de intervenção desenvolvida com todos os professores do Centro de Ensino Cidade de Arari no período de junho a outubro de 2016; tendo duração de 4h cada, ouvindo os sujeitos envolvidos no processo para assim se contribuir de forma mais eficaz com as discussões sobre formação continuada que atenda à necessidade do corpo docente. A referida proposta de formação continuada surge da sinalização do próprio corpo docente ao demonstrar dificuldades para fazer uso do material didático colhido e do uso das TICs de forma que atenda significativamente o aluno.

4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO PARA USO DAS TIC'S NO CONTEXTO ESCOLAR

Neste capítulo objetivamos ampliar a discussão acerca da formação continuada com ênfase no uso das TIC's no contexto escolar bem como os desafios vinculados à atuação do coordenador pedagógico na escola, visando analisar o papel desse profissional e como este atua ressignificando concepções e práticas pedagógicas do dia a dia.

4.1 As Tics no contexto escolar

A linguagem sempre foi uma forma indispensável de comunicação para os seres humanos. Suas inúmeras facetas que vão desde a pintura rupestre até a tecnologia digital provam o quanto a sociedade evolui e se adapta rapidamente a novas formas de comunicação e interação.

Segundo Martin-Barbero (2007), é necessário incluir a questão da produção e do diálogo de diversos tipos de saberes com os vários recursos midiáticos. Tal diálogo só se concretiza quando há uma interação bilateral com espaço para que as diferentes culturas e linguagens midiáticas possam transformar escolas e, quiçá sociedades.

Já Belloni (2005, p.17) afirma que, “ao interferir nos modos de perceber o mundo, de se expressar sobre ele e de transformá-lo, estas técnicas modificam o próprio ser humano.” Em outras palavras, a linguagem midiática é uma nova fronteira que os profissionais da educação precisam desbravar, pois, as escolas, da atualidade não escapam a essa verdade e nem dessa influência que é decisiva e que as tornam espaços privilegiados para o encontro, descoberta e construção de novas identidades oriundas das muitas culturas que se entrelaçam no ambiente escolar, fruto dos diferentes alunos e professores.

Quando se faz referência à adoção das tecnologias da informação no espaço escolar deve-se ter em mente que não basta apenas comprar equipamentos sofisticados. É necessário também preparar o professor para que este aproveite de forma eficaz, o uso dos recursos tecnológicos que estiverem à sua disposição.

Desse modo, nos dias atuais exige-se professores capacitados e constantemente atualizados não só com a prática pedagógica, como também precisam ter um firme alicerce tecnológico orientados por uma coordenação pedagógica preparada para os desafios que advém da adoção e uso de tais tecnologias.

Orofino (2005) destaca que é preciso transformar a escola num local de produção de mídias. Em outras, palavras, a sociedade atual exige uma geração de leitores que vão além da compreensão de que o domínio de uma linguagem não se dá apenas com as atividades de leitura, também as de autoria são importantes pois, segundo Paulo Freire, ninguém está alfabetizado antes de ser capaz de escrever sua própria história.

Nas últimas décadas, as tecnologias digitais vêm ganhando espaço no cotidiano e alterando substancialmente o modo como as pessoas se comunicam, formam opinião e produzem ideias. Nesse sentido, o coordenador pedagógico possui um papel delicado, pois ele oscila entre a necessidade da inserção da tecnologia na prática escolar e a precariedade das ofertas dessa mesma tecnologia para as escolas, pois além de mediar todo o processo de planejamento junto com os professores, orientar, intervir e auxiliar, e observa que estes ainda resistem em conhecer esse novo espaço que muitas vezes é tão familiar ao aluno, laboratórios precários ou nenhum laboratório de informática com internet adequada onde professores e alunos possam explorar e produzir conhecimento, dentre outros fatores que dificultam a disseminação e o uso das mídias na educação.

4.2 O papel do coordenador frente às tecnologias da informação: resultados e discussão

Durante quatro meses foram realizados encontros com duração de 4 horas no Centro de Ensino Cidade de Arari onde foram enfocados estudos teóricos e sua aplicabilidade na prática através de oficinas que proporcionaram a observação da própria escola e da práxis pedagógica individual de cada docente desenvolvida no lócus escolar, em relação ao uso das tecnologias disponíveis, sendo no momento detectado e vivenciado a princípio, a resistência, a fragilidade, a insegurança, os medos e a desmotivação do docente em fazer uso com *qualis* das TIC's e dos materiais selecionados (textos, vídeos, slides, infográficos, filmes..., etc.) e adequá-los ao plano de aula da sua sala de forma

eficiente e eficaz. Cada momento formativo foi registrado em relatórios de observação, bem como todas as falas dos professores e intervenções acerca dos temas.

Os professores, num primeiro momento, sentiram-se ameaçados com a presença do coordenador pedagógico, quando este se predispõe a acompanhá-los, mediar a busca de alternativas viáveis, que facilitem o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. É comum se esquivarem, darem o silêncio como resposta, não opinarem quando se trata do apoio e mediação do companheiro de trabalho disposto a contribuir com o sucesso do trabalho pedagógico.

Havia um gelo nessa relação coordenador-professor e essa frieza que se construiu à base da desinformação e falta de delimitação, do papel desse profissional, dificultava a construção de laços afetivos, da credibilidade e impedindo a fluidez da ação pedagógica.

Também foi perceptível, mas desconstruída aos poucos, a imagem do coordenador fiscal, não detentor de conhecimentos, incapaz de contribuir para o crescimento pedagógico do docente, imagem essa comum ainda em muitas escolas, em especial por parte dos professores da área das ciências da natureza e da matemática, que deixavam claro seu desinteresse na efetivação do trabalho do coordenador pedagógico por não ter se permitido conhecer e desfrutar das benesses do trabalho desse profissional tão importante e necessário para o progresso do trabalho escolar.

Foi proposto um acompanhamento do trabalho a ser desenvolvido com o professor discutindo as possibilidades de uso das tecnologias no trabalho com projetos. Percebeu-se outro entrave quanto ao uso da metodologia de projeto com auxílio das TIC's para a construção do conhecimento científico pôr área na perspectiva interdisciplinar.

Os docentes foram enfáticos ao afirmar que muitas vezes as TIC's mais atrapalham do que ajudam, demonstraram ainda o desconforto do trabalho com projeto que para a maioria deles é trabalhoso e gera desorganização na escola e na sala de aula, permitindo muita autonomia e pouco aprendizado.

Os recursos multimídias utilizados na referida escola por professores e alunos, ainda que timidamente e esporadicamente são:

- Vídeos
- Infográficos
- Mapas conceituais
- Data show

- Internet
- Revistas jornais e livros digitais.

É importante ressaltar que após as formações continuadas em serviço, alguns professores tornaram-se mais íntimos das TIC's e demonstraram no dia-a-dia escolar que o uso adequado, planejado e articulado com a mediação do coordenador pedagógico, faz toda diferença na tessitura da práxis pedagógica consciente e responsável.

Foram longas conversas com relatos das vivências profissionais de cada um dos professores. Através das falas, observou-se as barreiras que precisavam ser derrubadas como da inquietação, do incômodo que a ação efetiva do coordenador pedagógico vinha despertando entre eles.

A cada encontro havia menos frieza, mais proximidade e a oportunidade da quebra do silêncio, da construção de novos olhares direcionados para o papel do coordenador pedagógico no chão da escola.

O gelo está sendo vencido gradativamente. A insegurança, inquietação e todos os incômodos gerados a partir da presença do coordenador pedagógico presente, auxiliando, acompanhando e mediando as formações, estão sendo superados. É um novo olhar que está se construindo, onde professor e coordenador se aproximam, discutem e buscam juntos as possíveis soluções para os entraves detectados em sala.

Os professores são pessoas e não se pode separar a pessoa do profissional; daí que conhecendo a pessoa através dos diálogos educação-reação, tornou-se “fácil” aproximar-se e se colocar lado a lado com esse profissional (professor), demonstrando o compromisso e a responsabilidade social em que todos os atores desse processo estão engajados na busca do sucesso do aluno e conseqüentemente do docente e claro, da escola culminando com o sucesso da educação.

Segundo Antônio Nóvoa,

A formação de professores tem ignorado, sistematicamente, o desenvolvimento pessoal, confundindo “formar e formar-se”, não compreendendo que a lógica da atividade educativa nem sempre coincide com as dimensões próprias da formação. Mas também não tem valorizado uma articulação entre a formação e os projetos das escolas, consideradas como organizações dotadas de margens de autonomia e de decisão de dia para dia mais importantes. Estes dois “esquecimentos” inviabilizam que a formação tenha como eixo de referência o desenvolvimento profissional dos professores na dupla perspectiva do professor individual e do coletivo docente (NÓVOA, 1995, p.24).

Foi-se construindo uma relação de empatia, de confiança e companheirismo, que culminou com a escolha dos temas da formação, da participação ativa e efetiva dos

protagonistas da ação educativa aqui citados, imbuídos no desejo de buscar uma práxis mais assertiva e significativa com foco em uma educação de qualidade.

Percebeu-se que a dificuldade para trabalhar com os recursos midiáticos adequando-os às necessidades da sua sala de aula, conseqüentemente ao plano de atividades e ao PPP, perpassava por várias situações e territórios.

A falta de tempo para um planejamento mais minucioso visto que alguns dos professores trabalham em duas escolas no mesmo turno, atendendo assim a esfera municipal e estadual e/ou particular. Alguns são recém-formados precisam ser lapidados, o que dificulta a ação pedagógica, afetando o ensino e conseqüentemente a aprendizagem. Assim, Fernandes afirma que nesse cenário

[...] as escolas chegam a ter vários horários diferentes para atender ao objetivo de reunir seus professores, que dificilmente partilham momentos realmente coletivos em que prevaleça a reflexão, a formação, a busca de alternativas para os problemas cotidianos e, até mesmo, o desenvolvimento de projetos gestados pela própria escola (FERNANDES, 2013 p. 12)

A não seleção de material com qualidade que venha realmente atender às reais necessidades dos alunos, é outro entrave negativo. Alguns professores, os citados acima para estes, quase não sobra tempo para um planejamento qualitativo, constituem os recém-formados desalinhados com o planejamento forma uma nova geração de professores sem tempo e/ou conhecimento pedagógico para planejar.

Esta geração conduz o processo ensino-aprendizagem como algo simples, banal que basta colher qualquer material e levar para os alunos sem a menor preocupação, percebe-se a utilização do “Ctrl C +Ctrl V”, muito utilizado e sem nenhuma preocupação sobre os resultados, gerando assim, alunos desmotivados devido a aula sem qualidade, desorganização no processo, descompromisso social, falta de domínio de turma, indisciplina seguida de baixo rendimento e até reprovação.

O tripé ação-reflexão-ação não faz parte do cotidiano de alguns professores que têm a postura acima citada, daí que, se estes fizessem uma reflexão sobre a ação desenvolvida com falhas, poderiam refazer seu percurso, corrigindo alguns possíveis erros, mas infelizmente, ainda que se almeje uma mudança de paradigma, esta só será possível quando despertarem para o real compromisso.

4.2.1 Análise dos encontros

A escola já havia construído a cultura dos encontros pedagógicos, a princípio destinados para o planejamento das aulas, não havendo assim espaço e tempo específico para desenvolvimento da formação continuada em serviço. No entanto, com a adoção do Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio (PNEM) foi possível abrir esse leque de oportunidades de discussão de novos temas e novas prioridades. Durante esses encontros para o planejamento no primeiro semestre do ano foi observada a necessidade de se pensar e discutir temas para serem trabalhados em possíveis formações pedagógicas, com destaque por sua relevância e dificuldade de inserção no planejamento, as TIC's. Dessa forma, ficou acordado que o coordenador pedagógico seria o responsável pela organização e logística dos encontros. Para tanto, foi elaborada a presente proposta de intervenção a fim de inovar as práticas pedagógicas e consequentemente obter-se um ensino de qualidade.

Foi possível observar a necessidade de posturas mais assertivas pautadas na pós-modernidade quando, durante as oficinas pedagógicas realizadas percebia-se que mesmo com encontros constantes alguns professores sentiam dificuldades em elaborar novas metodologias que incluíssem por exemplo as tecnologias de informação enquanto que outros relutavam em sair de sua zona de conforto.

Assim, a proposta foi organizada por temas, definidos democraticamente para serem trabalhados no segundo semestre de 2016 através de encontros pedagógicos onde foram estudados textos envolvendo as TIC's, experiências práticas dos próprios professores e coordenador e sugestões de melhoria. As formações aconteceram através de encontros na primeira semana de cada mês, totalizando quatro momentos, com o objetivo de analisar o panorama e as possibilidades de uso das mídias (TIC's) na escola: jornal, internet, vídeo, cinema e rádio.

Cada mês trabalhado era contemplado um tema, sendo atendido no mês de junho de 2016, o trabalho com o tema: "Tecnologias de informação e comunicação na educação: ensinar e aprender com as mídias digitais".

Nesse encontro foi contemplada a apresentação, manuseio, conhecimento, reconhecimento e o bom uso na educação das tecnologias de informação e comunicação citadas neste trabalho, à disposição na escola. Os professores puderam explicitar suas dúvidas, curiosidades e conhecimentos acerca das TIC's e como faziam uso das mesmas

em sala de aula. Nesse sentido é que Dowbor (2001) respalda que “as tecnologias são importantes, mas apenas se soubermos utilizá-las. E saber utilizá-las não é apenas um problema técnico”. Em outras palavras, para se usufruir das contribuições e potencialidades das TIC’s é preciso compreender os processos de gestão de tecnologia, recursos, informações e conhecimentos para que estes possam auxiliar a comunidade escolar a compreender o mundo e atuar na transformação de seu contexto.

No segundo encontro ocorrido no mês de agosto de 2016, trabalhou-se com o segundo tema escolhido: “A utilização da internet como espaço de autoria: Wikipedia, blogs e redes sociais”.

Esse encontro permitiu aos professores uma discussão mais acentuada e pertinente sobre as pesquisas fornecidas na Wikipedia. De acordo com Balbino (2007, p.14)

Dentre as ferramentas desenvolvidas pelas comunidades de software livre para viabilizar seu modelo colaborativo de desenvolvimento de códigos-fonte, encontra-se o wiki, um modelo de organização e gestão colaborativa de documentos [...] que é muito utilizado pela comunidade de software livre para a documentação de programas e criação de apostilas.

Às vezes os dados não são confiáveis por ser um espaço onde qualquer pessoa pode publicar textos, sendo que nem todos sabem dessa informação e acabam fazendo uso de pesquisas sem respaldo científico, o que causa preocupação, pois, segundo ainda Balbino (2005) “o wiki se compõe de materiais dispersos produzidos levemente por pessoas com interesses comuns, sem qualquer organização prévia ou controle contínuo dos membros”. É necessário fazer um filtro das informações dispostas na Wikipedia e compará-las em outros espaços, para não levar à sala de aula informação sem valor científico.

As discussões sobre as informações, usos e criações de blogs, redes sociais rendeu um debate demorado, pois todos queriam encontrar uma forma de fazer uso pedagógico destes espaços de autoria. Daí surgiu a ideia da criação de um blog com auxílio dos alunos representantes de turma para debater temas de interesse da comunidade escolar, como por exemplo o Programa Zika Zero do Governo Federal, o Dia Internacional da Mulher, dentre outros elencados no Plano de Ação da escola. Além desta atividade, foi sugerida a criação de uma página no facebook para divulgar a escola e suas atividades.

Esse encontro rendeu bastante, os professores tiveram acesso a blogs, redes sociais, Wikipedia e puderam observar e tirar suas próprias conclusões, percebendo que é possível fazer uso pedagógico desses recursos com responsabilidade e qualidade.

Na terceira oficina no mês de setembro, apresentou-se aos professores um levantamento sobre o número de usuários permanentes e/ou esporádicos das mídias na sala de aula no decorrer do segundo semestre letivo e as possíveis benesses adquiridas com o uso das mesmas.

Nesse espaço e tempo de estudo, foram discutidos alguns textos-base sobre o uso pedagógico das referidas mídias:

- Mídia-educação no contexto escolar: mapeamento crítico dos trabalhos realizados nas escolas de ensino fundamental em Florianópolis de Silvio da Costa Pereira – UFSC disponível em <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT16-4061--Int.pdf>

- Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas de Evelyne Bévort e Maria Luiza Belloni, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>.

Foram apresentadas pelos professores e coordenador pedagógico experiências exitosas, em sala de aula com o uso das mídias como auxílio no bom desempenho da práxis pedagógica. Foi observada a participação efetiva de alguns professores que envolvidos no processo despertaram para a possibilidade da união de forças conjuntas professor-coordenador, visando uma aula acessível aos alunos com uso das mídias.

Alguns professores são usuários permanentes das mídias, apesar de em algumas situações pedagógicas não terem tempo para analisar os resultados podendo extrair destas mais possibilidades de aprendizagens, demonstram e concordam que tais recursos tecnológicos contribuem para facilitar o processo ensino aprendizagem. Em contrapartida, há outros que dizem fazer uso esporádico das mesmas, por não terem ainda percebido contribuição tão explícita. Concordam que às vezes tem dificuldades para usá-las de forma pedagógica eficiente e eficaz, se esquivando do uso destas.

Observa-se no curso das formações a mudança de posturas em alguns professores, que passaram a pedir ao coordenador pedagógico sugestão de vídeos, filmes, reportagens e outros materiais que pudessem contribuir para a problematização, instrumentalização, conduzindo os alunos ao processo da catarse e síntese com mais fluidez, outros mantêm-se resistentes as mudanças fazendo o uso sem muito proveito das mídias, como meio de passar o tempo.

O uso pedagógico significativo dos recursos midiáticos, visando ensino e aprendizagem com qualidade, foi o tema da quarta e última etapa do ciclo de formação continuada em serviço desenvolvida no ano de 2016.

Pesquisando, filtrando materiais com qualidade, que caibam ou se adaptem ao plano já em curso, desenvolvido a partir do PPP da escola, seguindo um currículo proposto, sem dúvida se torna trabalhoso e requer tempo e análise, exatamente o que geralmente uma gama dos docentes não tem ou ainda não conseguiram se organizar e adaptar ao ritmo de trabalho que muitas vezes se submetem para adquirirem uma renda mais decente para viverem.

Construir uma cultura de formação continuada em serviço não é muito fácil, pois os professores estão sempre resistentes e desmotivados e na defensiva, o que dificulta qualquer iniciativa nesse sentido. Quebrar as barreiras, acabar com o silêncio, fez-se necessário uma longa caminhada, na tentativa de criar laços de afetividade, de credibilidade e confiança e através de diálogos constantes, abertos e de reciprocidade criando-se um ambiente favorável para desconstruir e reconstruir, paradigmas coerentes com o momento histórico.

Na prática escolar os alunos são sujeitos do aprender, o conhecimento é o objeto a ser aprendido, utilizando a ação pedagógica o professor assume o papel de mediador. Nesse cenário é importante destacar que o aprender, independente de quem o adquire é resultado da leitura e interpretação de mundo de quem o faz e, no contexto estudado neste trabalho, que é dar ênfase ao uso das TIC's como uma nova forma de aprendizagem, Almeida e Prado afirmam que

O uso da tecnologia na escola, quando pautada em princípio que privilegiam a construção do conhecimento, o aprendizado significativo e interdisciplinar e humanista, requer dos profissionais novas competências e atitudes para desenvolver uma pedagogia voltada para a criação de estratégias e situações de aprendizagem que possam tornar-se significativa para o aprendiz, sem perder de vista o foco da intencionalidade educacional. (ALMEIDA & PRADO, 2005, p. 12)

Nesse sentido, ele precisa conhecer com propriedade como a aprendizagem se consolida, para que possa propor as intervenções de maneira a facilitar este processo.

Desse modo, o ponto de partida do processo pedagógico para a apreensão do conhecimento com vistas a promover aprendizagens significativas deve ser a prática social do aluno, utilizando aquilo que lhe é familiar. O professor parte do conhecimento do aluno, para conduzir e mediar o processo ensino aprendizagem, buscando apoio

quando necessário junto ao coordenador, de modo que seja efetivada uma ação educativa com sucesso.

Pode-se dizer que com essa proposta de trabalho pensada, discutida e efetivada, na escola C.E Cidade de Arari, observou-se uma mudança de postura em alguns professores, outros começaram a olhar diferente, mas ainda mantem-se resistentes, o que não inviabiliza o trabalho do coordenador pedagógico no lócus escolar com responsabilidade pedagógica social, uma vez que seu papel ficou claro para todos da escola, sua prática percebida e sentida nos quatro cantos da escola.

A presente proposta visa esclarecer e pontuar o papel do coordenador pedagógico como formador, no contexto escolar, bem como promover a análise e discussão acerca da práxis pedagógica do professor auxiliada pela TIC's. Este trabalho é apenas uma amostragem das inúmeras possibilidades da ação do coordenador pedagógico na escola, como mediador e articulador do processo pedagógico.

Sabe-se que a atuação do coordenador pedagógico é expressamente pedagógica, portanto, todas as ações correlacionados a esse campo, são de responsabilidade do referido profissional, conhecer, orientar, acompanhar, articular, e mediar ações educativas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após revisão bibliográfica deste estudo construído com base em experiências vivenciadas na prática, na partilha de reflexões e de busca por novos caminhos pedagógicos produziu-se algumas considerações sobre as concepções dos professores, a formação continuada, a importância da participação do coordenador pedagógico e as possibilidades de atuação deste profissional visando ressignificar e expandir esse espaço formativo tão produtivo e proveitoso, que é a escola.

Inicialmente, dissertou-se sobre o papel do coordenador pedagógico e onde ele se encontra no seio escolar. Para tanto, foi necessário considerar-se as relações de trabalho entre os diversos atores no contexto, destacando-se os professores, os gestores e o coordenador pedagógico.

Constatamos que a escola passa por grandes e profundas mudanças principalmente no que diz respeito ao uso pedagógico das TIC's o que faz com que os professores sintam-se carentes de alguém que lhes dê um norte em seu trabalho. Por outro lado, percebemos que a figura do coordenador pedagógico em alguns contextos ainda é ligada à ideia de fiscalização e não de articulador e mediador, comprometendo o seu trabalho e a sua identidade.

Para que tais conceitos sejam superados observa-se que o espaço formativo precisa ser reformulado e fortalecido no sentido de que a prática pedagógica seja debatida constantemente, as estratégias de trabalho estejam à altura dos desafios impostos pela sociedade na qual o aluno está inserido.

O coordenador pode usar metodologias e procedimentos que ajudem os professores a refletirem sobre suas práticas de um modo geral e mais precisamente sobre o uso pedagógico das TIC's no ambiente escolar, objeto de estudo das formações continuadas, comentadas no presente trabalho.

Tal reflexão, pensada e discutida coletivamente, organizada pelo coordenador pedagógico, deve tomar como ponto de partida as situações formativas que envolvam tanto estudos e aprofundamentos teóricos quanto a análise das próprias práticas cotidianas.

Isso implica dizer que as relações de confiança e de diálogo precisam ser repensadas e ampliadas na escola, para tanto tais ações requerem mudanças na postura profissional e conseqüentemente na própria forma de guiar a escola, a qual deve estar

voltado para os princípios democráticos de gestão construindo espaços formativos eficazes e eficientes que tomem por base a realidade dos atores, o respeito mútuo e a retomada de práticas e ações coletivizadoras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. Apresentação da série integração de tecnologias com as mídias digitais. In: **Boletim do Salto para o Futuro**. Brasília: MEC, SEED, 2005.

ANTUNES, Rosmeiri T. **O Gestor Escolar**. Maringá, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/217-2.pdf> Acesso em 23 de Junho de 2016.

ARCO-VERDE, Y. F. S. Formação continuada para intelectuais orgânicos. In: FERREIRA, N. S. C.; BITTENCOURT, A. B., (Org.). **Formação Humana e Gestão da Educação: a arte de pensar ameaçada**. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

ARNAIZ, P. et al. **Trabalho colaborativo entre professores e atenção à diversidade**. *Comunidade Educativa*, n. 262, p. 29-35, 1999.

ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre, Imagem e auto-imagem**. Petrópolis: Vozes, 10ª ed., 2008, p. 18-19).

FERNANDES, M. J. S. **O professor coordenador pedagógico, a articulação do coletivo e as condições de trabalho docente nas escolas públicas estaduais paulistas. Afinal, o que resta a essa função?** Disponível em: <<http://coordenacaoescolagestores.mec.gov.br/ufmt/file.php/1/Cursos-Ano->. Acesso em 10/01/2014> . Acesso em: 20/09/2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3 ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
BALBINO, Jaime. Num mundo wiki, uma escola idem –Parte I, 2007. Disponível em: <http://www.dicas-l.com.br/educacao_tecnologia/educacao_tecnologia_20070115.php#.WEHx44WcHIU.> Acesso em 23 de Junho de 2016.

MARTIN-BARBERO, Jesus. Palestra: Comunicação e a convergência digital. In: **Seminário Internacional sobre Diversidade Cultural: Práticas e perspectivas**, Brasília, 27 a 29 de junho de 2007. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=U7jo4G4_quQ&feature=PlayList&p19321752D59940a9&playnext_from=PL&playnext=1&index=3> . Acesso em 18 de Maio de 2016.

BELLONI, Maria Luíza. **O que é mídia-educação**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001, v. 01.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Nº 9394/96. Brasília: Ministério da Educação.

BRASIL. Decreto nº 6.755 de 29 de janeiro de 2009. **Dispõe sobre a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica**. Brasília: Ministério da Educação

CANÁRIO, Rui. A formação em contexto de trabalho. In. **Gestão da escola: como elaborar o plano de formação?** Lisboa: Instituto de inovação, 2004.

CLEMENTI, N. (2001). A voz dos outros e a nossa voz: alguns fatores que intervêm na atuação do coordenador. In **V. M. N. S. Placco & L. R. Almeida. (Orgs.). O coordenador pedagógico e o espaço da mudança.** São Paulo: Loyola.

CUNHA, Maria Isabel da. **O Professor universitário na transição de paradigmas.** Araraquara: JM Editora, 1998.

DOWBOR, Ladislau. **Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação.**

Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos903/tecnologias-conhecimento-educacao/tecnologias-conhecimento-educacao.shtml>> Acesso em: 13 de Agosto de 2016.

FERNÁNDEZ, A. **A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem.** Trad. Neuza Kern Hickel. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

GARRIDO, Elsa. Espaço de Formação Continuada para o Professor-Coordenador. In: BRUNO, Eliane Bambine Gorgueira, ALMEIDA, Laurinda Ramalho de, CHRISTOV, Luiza Helena da Silva. (orgs.) **O coordenador pedagógico e a formação docente.** 9ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

GROSBAUM, Marta Wolak; DAVIS, Cláudia. Sucesso de todos, compromisso da escola. In: VIEIRA, S. L. (Org.). **Gestão da escola: desafios a enfrentar.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HARRES, João Baptista et al. **Laboratórios de ensino: inovação curricular na formação de professores de Ciências.** Santo André: ESTec, 2005.

LIBÂNEO, J.C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática.** 5 ed. Goiânia, Alternativa, 2004. Lima e Santos.

LÜCK, Heloisa. **Gestão educacional – uma questão paradigmática.** Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

MALDANER, O. A. **A formação inicial e continuada de professores de Química.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.

MATE, C. H. Qual a identidade do professor coordenador pedagógico? In: GUIMARÃES, A. A.; MATE, C. H. (Orgs.) et al. **O coordenador pedagógico e a formação continuada.** São Paulo: Edições Loyola, 2008.

MEDINA, Antônia da Silva. Supervisor Escolar: parceiro político-pedagógico do professor. In: SILVA JR., Celestino Alves da; RANGEL, Mary. (Orgs). **Nove olhares sobre a Supervisão.** 14. ed. Campinas: Papirus, 2008. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti et al. **Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação.** São Paulo: EduFSCar, 2002.

NONO, M. A.; MIZUKAMI, M. da G. N. Aprendendo a ensinar: futuras professoras das séries iniciais do ensino fundamental e casos de ensino. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, 24., Caxambu, 2001. Anais... Caxambu, 2001. p. 1-16.

NORWICH, B.; DANIELS, H. **Teacher support Teams for special educational needs in primary schools: evaluating a teacher-focused support scheme**. Educational Studies, v. 23, n. 1, p. 5-24, 1997.

NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os professores e a sua formação**. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

_____. **O espaço público da educação: imagens, narrativas e dilemas**. In: **Espaços de educação, tempos de formação**. Lisboa: Fundação Calouste Gilbenkian, 2007: 237 – 263.

OLIVEIRA, Dalila Andrade Oliveira. **A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização**. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1127-1144, Set./Dez. 2004.

OLIVEIRA, Anna Karollina de Souza. **Gestão, coordenação e orientação educacional: trabalho integrado para o bom funcionamento da escola**. **Revista Pesquisa & Criação - Volume 10, Número 1, Janeiro/Junho de 2011: 51-66**

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

ORSOLON, Luzia A. M. **O coordenador/ formador como um dos agentes de transformação da/na escola**. São Paulo, PUC. Dissertação de mestrado, 2000.

PALMA FILHO, João Cardoso. **Cidadania e Educação**. Cad. Pesq. N. 104, p. 101-121, julho de 1998. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/161.pdf>> Acesso em 20 de Junho de 2016.

PARRILLA, A.; DANIELS, H. **Criação e desenvolvimento de grupos de apoio para professores**. São Paulo: Loyola, 2004.

PERRENOUD, Philippe. **Formação Contínua e Obrigatoriedade de Competências na Profissão de Professor(1)**. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_30_p205-248_c.pdf> Acesso em 23 de junho de 2016.

PLACCO, Vera M. Nigro. O coordenador pedagógico no confronto com o cotidiano escolar. In: ALMEIDA E PLACCO. (Orgs). **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

POLON, T. L. P. **Identificação dos perfis de liderança características relacionadas à gestão pedagógica eficaz nas escolas participantes do projeto Geres – Estudo Longitudinal Geração Escolar 2005** – Rio de Janeiro. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ROSA, C. **Gestão estratégica escolar**. 2 ed. Petrópolis, Vozes, 2004.

SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão e OLIVEIRA, Nilza Helena de. **O coordenador pedagógico no contexto de gestão democrática da escola**. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/247.pdf> Acesso em: 29 de Junho de 2016.

SCHNETZLER, Roseli Pacheco. **Concepções e alertas sobre a formação continuada de professores de química**. Revista Química Nova na Escola, n. 18, p. 15-20, 2002.

SERPA, D.; LOPES, N. (2011). Formação continuada ainda é ficção no país. In Fundação Victor Civita. **Os caminhos da coordenação pedagógica e da formação de professores**. Ed. Especial. Cotia-SP. Disponível em: <<http://www.fvc.org.br/estudos-e-pesquisas/2010/perfil-coordenadores-pedagogicos-605038.shtml>> Acesso em: 30 de agosto de 2016.

SEVERINO, A. J. **Filosofia da Educação: construindo a cidadania**. São Paulo: FTD, 1994.

SOARES, Andrey Felipe Cé. **Gestão escolar e coordenação pedagógica: uma relação complexa**. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Movimentos_Sociais_sujeitos_e_processos_educativos/Trabalho/05_11_20_607-7237-1-PB.pdf> Acesso em: 14 e Julho de 2016.

SOUZA, A.R. **Perfil da gestão escolar no Brasil**. Tese de doutorado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

TRAGTENBERG, Maurício. Relações de poder na escola. __.In **Revista Espaço Acadêmico**, Ano I, nº 07, dezembro de 2001.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político - pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. 3 ed. São Paulo: Libertad, 2002.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (coord.). A construção da didática numa perspectiva histórico-crítica de educação – estudo introdutório. In: OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. **Didática: ruptura, compromisso e pesquisa**. Campinas (SP): Papyrus, 1993.

VELDHÜYZEN, Loek van. **Pequenos passos rumo ao êxito para todos**. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/mudar_p008_023_c.pdf> Acesso em 20 de Julho de 2013.

VITURIANO, Hercília M. de M. **Formação continuada em uma concepção crítico-reflexiva: desafios aos coordenadores-formadores de professores nas escolas da rede municipal de São Luís**, 2008.

APÊNDICES

RELATÓRIO DO 1º ENCONTRO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DO C. E. CIDADE DE ARARI -2016

O primeiro encontro de formação continuada em serviço do Centro de Ensino Cidade de Arari ocorreu no dia três de junho de dois mil e dezesseis, no prédio da referida escola no turno matutino, totalizando quatro horas/atividade, com a presença de dez professores, os gestores geral e auxiliar onde juntos refletiram e discutiram sobre o tema “Tecnologias de informação e comunicação na educação: ensinar e aprender com as mídias digitais”, selecionado pela coletividade, para estudo e modernização. Optou-se fazer uso do método dialético durante a formação para melhor compreensão.

O referido assunto encontro contemplou a presença, o manuseio, o conhecimento e o reconhecimento, bem como o bom uso das TIC's na sala de aula e na educação.

Na ocasião foram expostos na sala as mídias disponíveis na escola, objetivando despertar a curiosidade dos participantes e, sem dúvida, é claro promover discussões acerca da temática para despertar o desejo pelo conhecimento e/ou reconhecimento e os possíveis usos em sala de aula de forma significativa, o que de fato veio a acontecer, tendo início com esse primeiro momento.

Os professores tiveram tempo para expor suas dúvidas, inquietações e curiosidades acerca das tecnologias em análise, bem como teorizaram sobre o uso pedagógico destas na sala de aula.

Foi observada uma mudança no comportamento destes (professores) com o momento da problematização, pois, para que um conhecimento seja aprendido e recriado, necessariamente, deve haver um movimento de levantamento de conhecimentos prévios em torno daquilo que instiga o aprendiz que será provocado pelo mediador de forma intencional, tendo em vista os conhecimentos necessários para a formação dos profissionais, o que foi atendido a contento.

O mediador (coordenador) teve o papel social de motivar, desafiando estes (professores) para identificarem os limites e as possibilidades do conhecimento a partir da sua prática social, onde estes tiveram espaço para expor suas experiências com o uso das TIC's.

Mexeu-se com a imaginação dos professores, sensibilizando-os fertilizando-os para que estes naturalmente fizessem perguntas sobre o tema em estudo, o que foi acontecendo gradativamente.

Houveram questionamentos sobre o uso do livro didático, jornais, revistas, vídeos, filmes e especialmente sobre as mídias digitais, momento em que os docentes trocavam ideias entre si.

Nesse espaço de tempo, o coordenador pedagógico conduziu ao segundo passo da formação, à instrumentalização, visando o acesso aos instrumentos científicos (conteúdos) sobre as tecnologias de informação e comunicação na educação: ensinar e aprender com as mídias digitais, através da apresentação de slides sobre o tema em estudo, imagens do uso das TIC's na educação, especialmente dos próprios professores em ação na escola.

Em seguida, abriu-se para debate sobre os slides, houveram questionamentos sobre o material. Alguns professores foram enfáticos ao falar, dentre eles um professor de Matemática, aqui denominado Professor 1, assim relatou:

Faço uso de slides para informar os alunos sobre o tema, mas em seguida volto para o quadro, onde me sinto mais seguro e certamente o aluno aprende com mais facilidade. (PROFESSOR 1)

Já outro professor de Matemática, denominado professor 2 relatou que:

Só uso o livro e o quadro. O livro para os alunos fazerem as atividades e o quadro para apresentarem as respostas dos cálculos das atividades. (PROFESSOR 2)

Outros professores relataram que faziam uso de algumas mídias, porém não estavam ambientados com as digitais, mas estavam aprendendo.

Entra em ação o coordenador, após ouvir todos os relatos, direciona, orienta o professor, fazendo o papel do facilitador, aquele que se pode contar, bem como chama alguns dos partícipes do processo, isto é, parceiros experientes presentes no ambiente heterogêneo da escola para serem tutores, amigos e companheiros na busca de melhores soluções para as dificuldades elencadas e expostas na formação.

Após os relatos do grupo sobre suas experiências com o uso das TIC's, pode-se perceber a necessidade do estudo e análise do tema como forma de desconstruir os pensamentos negativos sobre o uso pedagógico das mídias e construir novos olhares, novas de ação pedagógica.

Após a formulação de conceitos sobre o tema em debate, passa-se par o momento de síntese, onde os professores discutiram sobre o tema, contextualizando ações ou intenções sobre o uso das TIC's, demonstrando abertura para mudanças, quando

focaram que as tecnologias tem sua importância a partir do momento que se usa com conhecimento de causa e consequência, enfatizando que não é apenas um problema de ordem técnica saber usá-los mas é necessário compreendê-las e gestá-las para que estas auxiliem a escola a entender o mundo e sua transformação que exercem a partir das tecnologias.

RELATÓRIO DO 2º ENCONTRO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DO C. E. CIDADE DE ARARI -2016

No dia cinco de agosto de dois mil e dezesseis, aconteceu o segundo encontro de formação continuada do Centro de Ensino Cidade de Arari, no turno matutino, das oito às doze horas, com um público alvo de 12 (doze) professores, os gestores geral e auxiliar e a coordenação pedagógica, organizadora do evento.

Na ocasião foi feita a leitura do relatório do primeiro encontro, seguido da apresentação do tema escolhido para o segundo momento da formação: “A utilização da internet como espaço de autoria: Wikipedia, blogs e redes sociais”.

Nesse momento, os professores fizeram a exposição e os relatos das atividades desenvolvidas no decorrer do mês, envolvendo o uso das TIC's. Os professores foram convidados a visitarem o laboratório de informática e acessarem a Wikipedia. Foi solicitado que pesquisassem sobre o tema em estudo na própria ferramenta. Ao pesquisarem, perceberam quantas informações estão postas e dispostas ao público de qualquer forma.

Todos foram chamados a observarem o nível dos materiais e concluíram que realmente precisam fazer filtro das informações adquiridas através da referida ferramenta.

Houve pesquisa em blogs e redes sociais, onde puderam entender a necessidade da seleção qualitativa das informações colhidas nesses espaços, bem como sua veracidade e cientificidade.

Foi solicitado que fizessem as anotações necessárias sobre suas impressões, para uso posterior.

Dando prosseguimento, aconteceu as discussões sobre as impressões colhidas na pesquisa. Houve vários questionamentos sobre o uso pedagógico desses espaços de autoria, sendo sugerida como atividade prática a criação de um blog, com auxílio dos alunos representantes de turma para debaterem temas de interesse da comunidade escolar. Foi indicado alguns temas: Zica Zero e o Dia Internacional da Mulher como projetos pedagógicos no PPP da escola. Também foi pedido para criarem uma página no Facebook para divulgação das atividades desenvolvidas no lócus escolar.

Foi um encontro bastante instigante provocativo, pois após o contato dos professores com blogs, redes sociais, Wikipedia, estes puderam extrair suas

considerações sobre o tema em debate e sua viabilidade pedagógica de forma consciente, responsável e com qualis.

Os professores já estavam mais à vontade, o gelo inicial dando lugar a um calor humano pautado no compartilhamento das experiências com as TIC's em sala de aula e o apoio tutorial da coordenação e dos colegas mais experientes no assunto.

Alguns professores comentaram sobre o encontro no momento da síntese das atividades desenvolvidas e das aprendizagens adquiridas as seguintes falas:

Não costumo fazer filtro das informações colhidas na Wikipedia pois não tinha noção de que as informações disponíveis ao público não tinham na sua grande maioria credibilidade científica. O que me deixou bastante intrigado, pois sempre fiz uso e aconselhava os alunos usarem. (PROFESSOR 1)

Costumo fazer pesquisa na internet para ampliar meus conhecimentos e diversificar as atividades e formas de dinamização das aulas, bem como a apresentação de conteúdos, via slides, vídeos ou textos colhidos em sites de pesquisas, porém raramente uso a Wikipedia e quando uso, tenho o cuidado de selecionar, filtrando as informações que tenham qualis. (PROFESSOR 2)

Como se observa, há uma dicotomia na fala dos dois docentes. Um usa sem nenhuma preocupação com a qualidade do material que será apresentado nas aulas e o outro demonstra uma preocupação muito grande. O que nos leva a perceber quão necessário se faz essa formação no lócus escolar, para melhorar a práxis pedagógica dos docentes.

RELATÓRIO DO 3º ENCONTRO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DO C. E. CIDADE DE ARARI -2016

O terceiro encontro formativo, aconteceu no dia dois de setembro de dois mil e dezesseis, no prédio do Centro de Ensino Cidade de Arari, no turno matutino, das oito às doze horas, com duração de quatro horas, com um público de 15 (quinze) professores, os gestores geral e auxiliar e o coordenador, organizador e orientador na formação.

Na ocasião, foi feita a leitura dos relatos do segundo encontro, uma análise comparativa sobre o nível de aprendizagem adquirido na formação, bem como a melhoria das relações inter e intrapessoal que foram se modificando de forma positiva e satisfatória.

A integração entre o grupo, o nível de satisfação perceptível entre a maioria dos partícipes do encontro.

Seguiu-se com o diálogo na expectativa de envolver cada vez mais o grupo, de modo que estes se sentissem corresponsáveis pelas possíveis aprendizagens nesse espalho de formação.

Foi apresentado aos professores um levantamento sobre o número de usuários permanentes e/ou esporádicos das mídias na sala de aula no decorrer do mês que antecedeu o terceiro encontro e as possíveis benesses adquiridas com o uso das mesmas.

Houve debate sobre os dados apresentados através de slides. E para enriquecer as discussões, foram utilizados dois textos sobre o uso pedagógico das referidas mídias lidos através do uso do tablete educacional recebido pelos professores durante as formações do PNEM. Os textos foram os seguintes:

- Mídia-educação no contexto escolar: mapeamento crítico dos trabalhos realizados nas escolas de ensino fundamental em Florianópolis de Silvio da Costa Pereira – UFSC disponível em <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT16-4061--Int.pdf>

- Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas de Evelyne Bévort e Maria Luiza Belloni, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>

Esses são os textos que foram disponibilizados para leitura prévia no e-mail particular com antecedência de uma semana da formação. No momento da formação foram chamados a formarem dois grupos, cada grupo ficou com um texto. Foram convidados a apresentarem a síntese dos textos lidos, apontando a contribuição que os mesmos estavam trazendo no seu bojo aos docentes, no que tange ao uso pedagógico das TIC's.

Foi solicitado que os professores ao apresentarem as sínteses dos textos fizessem uma contextualização com a realidade da sua sala de aula e sua práxis pedagógica focando as experiências exitosas com uso pedagógico das TIC's.

Percebeu-se o envolvimento mais efetivo dos professores nas atividades, demonstrando interesse e vontade de mudança na sua prática pedagógica, bem como o reconhecimento da parceria do coordenador para melhoria das atividades pedagógicas.

Alguns professores, ainda que presentes nos encontros, mantinham-se arredios e deslocados, o que não inviabilizou a condução do processo.

RELATÓRIO DO 4º ENCONTRO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DO C. E. CIDADE DE ARARI -2016

O quarto encontro da formação continuada em serviço, ocorreu no dia sete de outubro de dois mil e dezesseis no prédio do Centro de Ensino Cidade de Arari, das oito às doze horas, no turno matutino, contando com a presença dos quinze professores, os gestores geral e auxiliar e o coordenador pedagógico, orientador e mediador da referida formação.

Dando consecução às atividades inerentes ao encontro, foi apresentado os relatos do encontro anterior conduzindo os professores a uma reflexão sobre o tema geral da formação “Uso pedagógico das TIC’s” bem como sobre os subtemas desenvolvidos a cada encontro.

Partindo dessa reflexão foi apresentado o subtema da quarta formação e última do ano de dois mil e dezesseis: “O uso pedagógico significativo dos recursos midiáticos, visando o ensino e aprendizagem com qualidade”.

O subtema em estudo fecha com chave de ouro o ciclo de formação, por trazer em seu bojo o foco da problemática, que gerou a escolha do tema geral o uso pedagógico das TIC’s. Conteúdo esse que mobilizou saberes e despertou a curiosidade dos docentes para adquirirem cada vez mais informações sobre o tema em foco.

Nesse encontro os professores tiveram contato novamente com o universo das tecnologias disponíveis na escola através da exposição destas e a oportunidade de partilhar suas experiências exitosas e caminhar no decorrer dos quatro meses de formação ouvindo a leitura dos relatos dos encontros anteriores e compartilhando as possíveis dúvidas, inquietações e conhecimentos adquiridos nas formações e/ou em outros meios.

No início da formação, havia uma frieza, um distanciamento dos docentes em relação aos seus pares e coordenador. Apesar de haver na escola a cultura do planejamento, não havia espaço-tempo destinado à formação continuada em serviço.

Os professores, em especial os da área de Matemática e Ciências, eram os mais arredios, pois não depositavam nenhuma credibilidade no trabalho do coordenador, por não conhecer a extensão das suas atividades e especialidade, “foco no pedagógico”, como orientador e mediador na práxis pedagógica, co-partícipe das ações pedagógicas e responsável pela formação continuada no locus escolar.

Ainda em construção na escola a cultura da formação continuada, digo assim, por ainda existir na escola professores alheios ao processo e que não engajaram na

formação e nos processos de mudanças exigidos pela sociedade atual no que tange ao uso das TIC's em sala de aula com qualidade.

O grupo de professores, com exceção de alguns, passam a ter na pessoa do profissional coordenador pedagógico um ombro amigo, para ajudar a pensar, analisar e buscar possíveis soluções para os problemas que surgem no dia-a-dia da escola, bem como acompanhar e mediar estes na práxis pedagógica dando ênfase ao uso pedagógico das TIC's.